

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO-  
CIÊNCIAS DA NATUREZA.**

**IARA CRISTINA DA SILVEIRA JUSTIN**

**RESISTÊNCIAS E (RE) EXISTÊNCIAS:  
"FARMACINHA COMUNITARIA"  
DO VALE DA SOLIDÃO-MAQUINE/RS.**



**Tramandaí**

**2019**

**IARA CRISTINA DA SILVEIRA JUSTIN**

**RESISTÊNCIAS E (RE) EXISTÊNCIAS:  
"FARMACINHA COMUNITARIA" DO VALE DA SOLIDÃO-MAQUINE/RS.**

Trabalho de conclusão de curso da  
Licenciatura em Educação do Campo –  
Ciências da Natureza. Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul- CLN.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Claudia Glavam  
Duarte.

**Tramandaí**

**2019**

## CIP - Catalogação na Publicação

Justin, Iara Cristina Silveira  
Resistências e (Re) Existências: "Farmacinha  
Comunitária" do Vale da Solidão - Maquiné/RS / Iara  
Cristina Silveira Justin. -- 2019.  
75 f.  
Orientadora: Claudia Glavam Duarte.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus  
Litoral Norte, Licenciatura em Educação do Campo,  
Tramandaí, BR-RS, 2019.

1. Plantas Medicinais. 2. Farmacinha Comunitária  
Filhas da Esperança. 3. Saberes . 4. Gênero. I.  
Duarte, Claudia Glavam, orient. II. Título.

**IARA CRISTINA DA SILVEIRA JUSTIN**

**RESISTÊNCIAS E (RE) EXISTÊNCIAS:  
"FARMACINHA COMUNITÁRIA" DO VALE DA SOLIDÃO-MAQUINE/RS.**

Trabalho de Conclusão de Curso:  
Licenciatura em Educação do Campo –  
Ciências da Natureza. Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul- CLN.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Claudia Glavam  
Duarte.

Data de aprovação: 03 de julho de 2019.

Banca examinadora:

Prof. Claudia Glavam Duarte – Orientadora

---

Prof. Elisete Enir Bernardi Garcia

---

Prof. Jaqueline Haas

---



Dedico este trabalho  
aos meus Mestres,  
aos colegas muitos especiais que me acompanharam nesta trajetória,  
às mulheres da Farmacinha do Vale da Solidão,  
à família.



*PARA TI (mestres, colegas, bruxinhas, GEEMCo)*

*Foi para ti  
que desfolhei a chuva  
para ti soltei o perfume da terra  
toquei no nada  
e para ti foi tudo  
Para ti criei todas as palavras  
e todas me faltaram  
no minuto em que falhei  
o sabor do sempre  
Para ti dei voz  
às minhas mãos  
abri os gomos do tempo  
assaltei o mundo  
e pensei que tudo estava em nós  
nesse doce engano  
de tudo sermos donos  
sem nada termos  
simplesmente porque era de noite  
e não dormíamos  
eu descia em teu peito  
para me procurar  
e antes que a escuridão  
nos cingisse a cintura  
ficávamos nos olhos  
vivendo de um só olhar  
amando de uma só vida.  
(COUTO, 1999 p. 23)*



A pesquisa foi realizada com um grupo de mulheres pertencentes à Farmacinha Comunitária Filhas da Esperança do município de Maquiné-R/S, que se reúnem periodicamente para a produção de remédios, elixires e pomadas a base de plantas. A problematização construída objetivava: identificar as relações e significados que tais mulheres atribuíam aos seus saberes e suas práticas. O trabalho investigativo se construiu a partir de observações, escutas e entrevistas que foram acontecendo ao longo das idas à campo, no ano de 2018 e 2019. Como ferramentas teóricas, foram utilizadas, especialmente, as obras de Jorge Larrosa (2000, 2002, 2015), Silva (2000), Foucault (1979, 2002, 2006, 2012) e Erice (2015). Os resultados que emergiram constituíram duas densidades analíticas. A primeira, refere-se as relações de generosidade, amorosidade e cuidado e os rituais de merecimento que envolve seus saberes e fazeres. Na segunda análise, fica evidenciada a importância dos sujeitos envolvidos no trabalho deste grupo, e a compreensão de que as práticas não são meramente resultado de saberes na produção de remédios, mas, constituem-se em experiências de resistência e re(existências) para essas mulheres.

Palavras-Chave: Plantas Medicinais; Farmacinha Comunitária Filhas da Esperança; Saberes; fazeres.

# A BSTRACT

The research was carried out with the group of women belonging to the Community Pharmacy Filhas da Esperança in county of Maquiné-R/S that meet periodically for the production of herbal remedies, elixirs and ointments. The constructed problematization aimed to identify the relationships and meanings that such women attributed to their knowledge and practices. The investigative work was constructed from observations, tapping and interviews that were happening along the field trips in the year 2018 and 2019. As theoretical tools were used especially the works of Jorge Larrosa (2000, 2002, 2015), Silva (2000), Foucault (1979, 2002, 2006, 2012) and Erice (2015). The results that emerged constituted two analytical densities. The first refers to the relationships of generosity, love and care and the rituals of merit that involves their knowledge and actions. In the second analysis, the importance of the subjects involved in the work of this group, and the understanding that the practices are not merely a result of knowledge in the production of medicines, but constitute experiences of resistance and re (existences) for these women, is evidenced.

Key-Words: Medicinal plants; Community Pharmacy Filhas da Esperança; To know; Do.





ANAMA – Associação Nascente do Rio Maquiné.

BICT – Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia.

CLN- Campus Litoral Norte.

EAD – Ensino à Distância.

EDUCAMPO – Educação do Campo.

GPS –Global Posicion System.

GEEMCo - Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade.

LUME - Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MMC – Movimento das Mulheres Camponesas.

MNPEF –Mestrado Nacional Profissional de Ensino de Física.

RGS –Rio Grande do Sul.

STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

TCC –Trabalho de Conclusão de Curso.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

# UMÁRIO

<b>PRIMEIRAS PALAVRAS: traduzindo minhas memórias, afetos e experiências em palavras....</b>	<b>10</b>
<b>1. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>16</b>
<b>2. O ESTAR LÁ... COMPONDO OS CAMINHOS DA PESQUISA.....</b>	<b>24</b>
2.1 <i>O lócus</i> da investigação.....	26
2.2 Os participantes da pesquisa.....	30
<b>3. PRODUZINDO RESULTADOS DE PESQUISAS.....</b>	<b>39</b>
3.1 Relações de amorosidade, generosidade e cuidado.....	40
3.2 Relações de resistência e Re (existência).....	47
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICE 1.....</b>	<b>62</b>
<b>APÊNDICE 2.....</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICE 3.....</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE 4.....</b>	<b>72</b>



**RIMEIRAS PALAVRAS: traduzindo minhas memórias, afetos e experiências**

em palavras.

Talvez os homens não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos, talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para tentar aí recolher as palavras que falem para nós. (LARROSA, 2000, p. 22).

Para justificar minha escolha por esta temática, precisei percorrer as “ruínas de minha biblioteca”, ou diria de minhas memórias/experiências, a fim de compor a trama que deu condições para que eu me aproximasse de chás, mulheres, plantas medicinais, saberes populares<sup>1</sup>. Em conformidade a isto, precisei refazer o trajeto de uma saída de campo, ocorrida no ano de 2016. Posso dizer que esta saída, que tinha simplesmente como finalidade “ajudar” na divulgação do curso de Licenciatura em Educação do Campo, me modificou. Foi um encontro/desencontro que passo a descrever:

*Em uma manhã ensolarada do mês de maio...*

A Van que nos levaria a Santo Antônio da Patrulha e Caraá, interior do Estado do Rio Grande do Sul, está à espera. Minha intenção: acompanhar

---

<sup>1</sup> Neste trabalho estou entendendo os saberes populares como aqueles que fazem parte da ciência menor, pois possuem “um desenvolvimento excêntrico, característica esta que a diferencia totalmente das ciências maiores, uma vez que estas têm na linearidade sua característica principal. Nesta perspectiva, a ciência menor é de difícil apreensão, pois sua configuração e funcionamento permitem que ela construa permanentemente linhas de fuga que impedem a sua total captura pelas ciências maiores. Elas são marginais em relação às ciências maiores, contudo, isso não significa que sobrevivam das suas sobras. Ficam à margem porque não têm nenhuma pretensão de obter o mesmo estatuto conferido a esta ciência, sobretudo porque se trata de uma “ciência” que diverge profundamente da lógica de organização e funcionamento das ciências maiores. Assim, as ciências menores não têm qualquer pretensão de totalidade, de vida eterna, convivendo pacificamente com a contradição. Têm vocação solidária, dispensam a necessidade de atribuir para si uma autoria do conhecimento; este é nômade e desterritorializado.” (DUARTE E TASCHETTO, 2013, p, 112, 113)

professores na primeira etapa de divulgação do vestibular, para a entrada de uma terceira turma no Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – campus Litoral Norte<sup>2</sup>. Com a rota previamente traçada, começamos nosso roteiro pelas escolas que se localizavam no centro de Santo Antônio da Patrulha. Enquanto os professores se dirigiam à escola, fui ao Sindicato Rural para conversar sobre as propostas deste curso e sua aproximação com os agricultores. Durante a minha fala, muito entusiasmada divulgando o curso, fui interpelada pela secretária do sindicato que disse: “Estás com sorte, estamos oferecendo um curso para algumas entidades e agricultores”, e dentre os presentes estava o Dono da Rádio de Santo Antônio da Patrulha que, ouvindo atento as minhas explicações, chamou-me e disse: “Se tiver interesse, disponibilizarei para vocês uns minutos na rádio durante o programa que apresento hoje ao meio dia”. Acredito que este convite inesperado estava sendo tecido, a fim de que algumas surpresas pudessem ainda acontecer neste dia. Assim, respondemos positivamente ao convite e ao meio dia, lá estávamos, aguardando em uma sala, o momento de darmos a nossa entrevista na rádio de Santo Antônio da Patrulha.

Devido a entrevista, quando chegamos à primeira escola, situada no interior, de Santo Antônio, já éramos conhecidas. Comprova isto, o fato de que, ao sermos recebidas pela Diretora, ainda no portão da escola, ao nos identificarmos ela respondeu: “Vocês estavam na rádio, eu escuto o programa, estava esperando pela visita, estou muito feliz por terem vindo até nossa comunidade, fazer esse contato”. No momento em que dávamos a entrevista, não tínhamos a noção da repercussão que teria. Dali em diante, comecei a perceber a importância que a Universidade representava para aquelas comunidades que estávamos visitando. No entanto, algo ainda estava por vir.

---

<sup>2</sup> O campus, localizado no município de Tramandaí, iniciou suas atividades em setembro de 2014. Este foi o primeiro campus da UFRGS fora de sua sede em Porto Alegre. Atualmente o campus oferece dois cursos presenciais de graduação: Licenciatura em Educação do Campo – EDUCAMPO e Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia – BICT, quatro cursos em EAD: Pedagogia, Ciências Sociais e Geografia e um mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física – MNPEF, com um corpo docente de 84 professores, mestres e doutores, 59 Técnicos e 236 discentes alunos de graduação.

Seguindo por uma estrada de chão, com muita poeira, mas com uma paisagem que me deslumbrava, pensava no privilégio de poder participar desse momento. Andar por aquelas estradas me fazia pensar no percurso que alguns estudantes faziam a pé por morar próximo a escola e outros, que distantes, necessitavam do ônibus escolar. Assim, o caminho que ali se apresentava poderia ser visto como uma estrada de chão, empoeirada, esburacada, ou como um caminho que possibilitava certa liberdade, por propiciar olhar à natureza, com suas paisagens e sons: o verde em diversas tonalidades, uma composição de cores e o cantar dos diversos pássaros, rugidos de vacas e outros animais.

Na segunda escola, encontramos uma professora de ciências e matemática, com seus estudantes do sexto ano, extremamente motivada com o projeto que estava desenvolvendo, intitulado: "Relógio Biológico com plantas medicinais". Os alunos com enxadas nas mãos, cadernos para anotações e fitas métricas, entre outros, ora trabalhavam nos canteiros da horta, ora paravam para escutar a professora. Observei que os estudantes estavam envolvidos e atentos a todas as explicações da professora sobre como e onde plantar. Percebi ali, a interação entre seus conhecimentos prévios e o saber da professora que conduzia toda a atividade. Assim, observar a riqueza desta experiência me fez refletir sobre as representações que tinha sobre as escolas do campo. Neste sentido, este encontro com a escola do campo significou, para mim, também um desencontro com todas aquelas imagens que tinha sobre escolas rurais. Foi o meu encontro com a natureza e suas peculiaridades, com uma escola ricamente organizada em projetos pedagógicos, e o desencontro com conceitos prejudgados de uma "escolinha". Como afirmam Duarte e Taschetto (2014, p. 52):

A força que o caráter diminutivo, através da linguagem verbal, atribui a essa escola entrelaça-se à ideia da suposta precarização do ensino e da aprendizagem vigentes nessas escolas e classes e a reforça. Não só a linguagem verbal contribui para a construção dessas representações identitárias hierarquizadas, mas também as práticas não discursivas acabam posicionando-a as margens do que se pressupõe como uma "educação de qualidade".

Foram estas “representações identitárias hierarquizadas” que me fizeram acreditar que seria a escola tão precária quanto a estrada que me levou até lá. No entanto, a riqueza da prática desenvolvida pela professora e seus estudantes, assim como o acolhimento daquela escola, estilhaçaram tais representações. O encontro com essa professora me possibilitou a construção de outros significados, primeiro pelo seu desprendimento, pois a encontrei ao lado de seus alunos com os pés embarrados e a enxada na mão. Além disto, pude perceber o seu desejo em aproximar toda a teoria presente nos livros didáticos de uma prática que se efetivava ali na horta escolar. O seu trabalho, era um inventar, que produzia novos sentidos às coisas, pois instigava os educandos a preocuparem-se consigo mesmos: com a sua saúde e com o seu bem-estar.

Assim, posso inferir que foi este encontro/desencontro que acabou impulsionando meus estudos para as plantas medicinais. No entanto, estas sempre fizeram parte de minha vida, inclusive como artesã, pois, várias vezes, tingi meus tecidos com chás de marcela, canela, cravo e cascas de cebola. Dessa forma, os cheiros e os sabores vivenciados formam a memória de minha época como professora de Patchwork<sup>3</sup>.

Por último, a fim de destacar meu interesse com a temática, pontuo que minha aproximação com uma pequena comunidade situada no Vale da Solidão na cidade de Maquiné - RS que desenvolve um trabalho comunitário denominado de “A Farmacinha Comunitária Filhas da Esperança” que elaboram remédios naturais, elixires, cremes, pomadas, emplastos e ervas seca para chás a partir de seus conhecimentos das plantas medicinais. É com este grupo que pretendo desenvolver a minha pesquisa.

De acordo com Erice (2015), a Farmacinha Comunitária da Solidão nasceu em 1991, com a proposta de constituir-se em um lugar de reuniões para as mulheres, no meio rural. Um ano depois, elas começaram a produzir remédios com as plantas medicinais. No entanto, a proposta deste espaço contribuiu, de maneira incisiva, para constituir uma “forma de libertação da mulher”.

---

<sup>3</sup> O patchwork é um “trabalho com retalhos” que consiste na união de tecidos, com estampas, formatos e texturas variadas. O filme “colcha de retalhos” (1995), trouxe uma potência à essa técnica ao transpor em tecidos histórias vividas, relatos de lembranças.

Assim, ao aproximar-me desta temática, fui percebendo que este assunto estava na maioria das vezes, vinculado ao trabalho de mulheres. Desta forma, posso afirmar que este acabou por tornar-se, também um dos argumentos que sustentam minha escolha. Sou mulher e enfrentei, muitas vezes, em minha trajetória, situações de desvantagem por essa condição e, por esse motivo, também me interessei por esses saberes tidos “como de mulheres”. Com tais características, passei a questionar-me sobre as relações que as mulheres imprimem às suas práticas, e aos seus saberes. Cabe ressaltar que não faz parte de minha intenção, analisar os processos de produção dos produtos comercializados, nem os conhecimentos postos a operar por estas mulheres. Meu propósito é o de identificar as relações e os significados que elas atribuem às suas práticas e aos seus saberes. Frente a estas colocações, construí o seguinte problema de pesquisa: **Que relações são estabelecidas pelas mulheres pertencentes à farmacinha comunitária do Vale da Solidão do município de Maquiné – RS com os saberes e os fazeres envolvidos na produção dos remédios por elas fabricados?**

Para me ajudar na elaboração de respostas para este problema construí algumas perguntas auxiliares:

Qual a história dos integrantes da farmacinha comunitária do Vale da Solidão Maquiné?

De que forma ocorre os processos de ensino e aprendizagem sobre o manejo com as plantas medicinais, no grupo pesquisado?

Que efeitos a constituição deste coletivo tem na vida deste grupo de mulheres?

Frente a estas questões, estabeleci os seguintes objetivos;

Compreender, por intermédio de narrativas, as relações que as mulheres pertencentes a farmacinha comunitária do Vale da Solidão –Maquiné/RS, imprimem aos seus saberes e aos seus fazeres com plantas medicinais. De forma específica busquei também, descrever a história do grupo que pertence a farmacinha comunitária do Vale da Solidão-Maquiné, compreendendo a importância de um coletivo organizado; compreender como ocorrem, neste

grupo, os processos de ensino e de aprendizagem sobre o manejo das plantas medicinais e identificar os efeitos deste trabalho na vida destas mulheres.



# 1. REVISÃO DE LITERATURA.

Para iniciar minha caminhada de pesquisadora achei pertinente destacar alguns trabalhos que já foram realizados e que, de alguma forma se aproximam da temática que elegi para esta investigação. A escolha de tais trabalhos obedeceu aos seguintes critérios: estar disponível no repositório digital da UFRGS, designado por LUME; constituir-se em Dissertações elaboradas por mulheres, configurar-se em trabalhos recentes e, principalmente, estarem próximos a temática que elegi para investigação. Quero aprender com estes trabalhos, ver como problematizam os saberes, muitos dos quais estão vinculados quase que exclusivamente aos saberes e fazeres entendidos como de mulheres. A minha intenção foi a de tratar cada dissertação que li como uma experiência de aprendizagem, pois ao fazer essas leituras, me deixei tocar a ponto de querer experienciar e conviver com as mulheres da farmacinha do Vale da Solidão.

Por consequência, a primeira experiência/leitura que escolhi para adensar meu entendimento sobre a temática escolhida para esta investigação foi a dissertação de mestrado de Adriana Samper Erice - **Espaço de Vida, Espaço de luta, um estudo Etnográfico da Farmacinha Comunitária da Solidão em Maquiné, Rio Grande do Sul (2015)**. Ao iniciar a leitura, deparei-me com o agradecimento que a autora faz às suas entrevistadas, denominadas de “bruxinhas companheiras”: “um trabalho feito por muitos, numa parceria coletiva, numa pesquisa e num sentir que não são só um” (ERICE, 2015, p.05). A leitura deste agradecimento me tocou e, sem dúvida, contribuiu para a certeza da escolha dessa Dissertação para iniciar meus estudos. Tenho como hipótese que, no meu caminhar investigativo, irei me deparar, também com muitas

“Bruxinhas”, entendidas como mulheres fortes, com conhecimentos e saberes, muitas vezes inferiorizados por seu gênero<sup>4</sup>.

Assim o trabalho de Erice; (2015, p. 8) teve como objetivo de estudo “analisar, sob a ótica da teoria pós-colonial e da pós-modernidade qual é o modelo de desenvolvimento que estas mulheres propõem e constroem, frente a lógica do discurso desenvolvimentista institucional”. Como resultados de sua investigação a autora afirma que as teorizações sobre desenvolvimento e as próprias teorias feministas têm contribuído para o entendimento de que as mulheres assumem um papel de submissão e dependência na sociedade. No entanto, autores pós-desenvolvimentistas e feministas têm reconhecido as singularidades das mulheres e buscam reconhecer e valorizar os saberes e fazeres femininos. Dessa maneira, a pesquisadora definiu as mulheres envolvidas com a farmacinha como aquelas que

[...] possuem uns saberes-fazeres muito ricos sobre plantas medicinais, assim como outras práticas de cura. As mulheres da farmacinha, assim, como do MMC, não são sujeitos que estejam ‘fora’ do sistema-mundo, mas também não são sujeitos passivos, ‘alienados, ou alvo’ dos discursos de desenvolvimento, senão que propõem um tipo de desenvolvimento, ou poderíamos dizer, inclusive, outros modos de existência, de formas de fazer e de se relacionar com estas práticas. (Ibidem, 2015, p.144).

Entendo, a partir desta leitura, que as mulheres da farmacinha, mesmo estando inseridas em um sistema desenvolvimentista, não assumem um papel meramente coadjuvante. De forma contrária, elas inventam outros modos de ser e estar no mundo. Ainda segundo esta autora, tais mulheres resistem ao modelo capitalista ao produzir remédios, respeitando à biodiversidade local, e construindo uma perspectiva diferenciada de saúde.

Além disto, o texto destaca que “a dimensão de ter um lugar onde as mulheres possam se reunir, dialogar, passar tempo juntas, é outro dos aspectos

---

<sup>4</sup> A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, demonizá-las e destruir seu poder social. Ao mesmo tempo, foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras, nas quais as bruxas morreram, onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade (FEDERICI, 2004, p. 337-338).

fundamentais dessa farmacinha que permite assim, a criação de uma rede de solidariedade e apoio mútuos entre as mulheres do vale da solidão (Ibidem, p. 144). Esta rede é similar com o que eu vivi na minha época de professora de Patchwork. As aulas eram um encontro de vidas, relatos entre as alunas, trocas de experiências e desabafos sobre suas vidas. Eram momentos de escuta, risadas, troca de saberes, espaço de construção de um coletivo.

Além das aprendizagens que fiz lendo este trabalho, pontuo, por último que me identifiquei com a autora quando esta se define como um ser "Halfie", que segundo Abu-Lughod apud Erice (2015) consiste em uma terminologia utilizada para referir-se aos antropólogos que, sem serem nativos, estudam culturas que se identificam. " (Ibidem, p.24). Penso que estar em contato com os diferentes possibilita transformar-me em outras. Estar em constante devir, como diria Deleuze (1997).

Ao findar esta leitura, passo à escolha do segundo texto, por intermédio da leitura da dissertação de mestrado de Judit Herrera Ortuño -**Mulheres Rurais e a Construção da Autonomia: As práticas e a ação coletiva das bruxinhas de deus em Cristal Do Sul-RS**, Porto Alegre (2016). Ao iniciar a leitura deste trabalho, me deparei com a compreensão da autora de que o conhecimento se constrói cotidianamente, através das relações. Neste sentido, estar em um grupo de trabalho implica, necessariamente construir conhecimentos e, é esta compreensão que atravessa todo o trabalho da autora.

Na última parte de sua Dissertação, a autora, analisa a farmacinha Saúde Alternativa identificando quais eram as problemáticas cotidianas que fomentaram a organização das mulheres, trazendo a discussão sobre a saúde como tema transversal. Ao abordar a ação social e a luta pelo resgate do conhecimento sobre as plantas medicinais, se evidenciou como os diferentes projetos de desenvolvimento afetam o cotidiano dos indivíduos e, como os mesmos, encontram saídas e mobilizam manobras. Percebe-se primeiramente que os discursos hegemônicos sobre a 'autonomia da mulher' dentro da lógica das políticas públicas para o 'desenvolvimento rural' diferem dos dizeres e fazeres locais sobre autonomia, resultando na invisibilidade dos micros agenciamentos locais, promovidos cotidianamente pelas mulheres.

Assim, o trabalho objetivava analisar as práticas sociais levadas a cabo por estas mulheres de modo a elucidar como se constroem processos de autonomia através da ação coletiva. No entanto, o desenvolvimento rural constitui um processo complexo e multifacetado, onde uma diversidade de configurações locais de recursos, restrições e condições para a ação geram distintas formas de conhecimento local, que se tornam fundamentais para a produção e reprodução da heterogeneidade das vidas sociais (LONG apud ORTUÑO, 2016). É justamente de tais discontinuidades que formas expressivas de existência vão surgindo, assim como possivelmente é a Farmacinha Comunitária das Bruxinhas de Deus de Cristal do Sul, que inspira a pesquisa desenvolvida. Especificamente, por surgir das imbricações de práticas ancestrais com outras construídas por “novíssimas” relações no que tange ao cuidado e à saúde, tangenciando o “ser” mulher nestes espaços a Farmacinha Comunitária se constitui como espaço de organização coletiva, de fortalecimento e de cura das mulheres.

Importante destacar o cuidado da pesquisadora, que teve a sensibilidade de colocar-se, respeitosamente, em relação às mulheres e seus posicionamentos. Isto me chamou a atenção, pois, ao realizar as entrevistas e observar o local de minha investigação, deverei ter um posicionamento similar ao da autora.

O terceiro trabalho escolhido foi a Dissertação de Mestrado de Tamara Raísa Bubanz Silva, intitulado: **Plantas Mediciniais no Noroeste do Rio Grande do Sul: Desdobramentos das Práticas e da Ação Social (2018)**. Segundo a pesquisadora, o trabalho buscou identificar práticas enraizadas localmente, de trabalho com plantas medicinais e analisar em profundidade a experiência da farmacinha “Saúde Alternativa em Santo Cristo/RS”. A análise feita pela autora permitiu identificar que a construção do conhecimento e das experiências com as plantas medicinais se dão em um processo coletivo. A pesquisadora salienta que conhecer as dinâmicas, os costumes e, até, a linguagem, acaba por criar boas condições para a pesquisa. Por outro lado, a autora foi surpreendida pela possibilidade de dar ‘outro’ olhar para as paisagens, a cultura e os processos sociais que, aparentemente, já conhecia. De acordo com a pesquisadora

“Esta ‘estranheza’ foi importante para me deixar afetar pelo campo. Então, mesmo que a ciência (clássica) priorize a purificação dos saberes, estabelecendo nela o estatuto de verdade, aos poucos, outras possibilidades foram se abrindo, inclusive, a de questionar algumas destas ‘verdades’”, (SILVA, 2018, p. 86).

Importante salientar que este trabalho chama a atenção para o fato de que o extrativismo de plantas medicinais como fonte econômica, o consumo de chás atribuído ao cuidado da saúde e de aspectos ligados a cultura e a espiritualidade fazem parte de uma tradição. No entanto, de acordo com Giddens Apud Silva (2018, p. 73):

[...] a modernidade reconstruiu a tradição enquanto a dissolvia”, indicando uma conotação temporal. A tradição não é algo estático, ela sofre mudanças ao longo dos tempos, pressupõe-se assim a sua persistência. Assim, segundo a autora, a tradicionalidade mobilizada, nesses processos, está ligada ao ritual e a memória, pois possui “guardiões da tradição” que zelam pelas verdades.

Neste sentido, acredito serem pertinentes as pesquisas que buscam, através da oralidade, visibilizar os conhecimentos dos “guardiões da tradição”. Para Giddens apud Silva (2018, p. 83) “[...] sejam eles idosos, curandeiros, mágicos ou funcionários religiosos, têm muita importância dentro da tradição porque se acredita que eles são os agentes, ou os mediadores essenciais, de seus poderes casuais”.

Neste trabalho, fica evidenciado o quanto as mulheres, são reconhecidas como as guardiãs da tradição e do conhecimento sobre as plantas medicinais, pois seriam elas as “detentoras de conhecimento” e “capazes”, de resolver os problemas, principalmente, aqueles relacionados aos cuidados com a saúde, tanto da família como da comunidade. De acordo com Charão-Marques apud Silva (2018), as mulheres trazem para si, essa responsabilidade, muitas vezes, justificada por uma consciência ecológica, pela tradição que vem das suas mães, pela a responsabilidade com a saúde da família e, também, a partir de seus envolvimento com a comunidade e da mobilização política. Uma das estratégias de cuidado mobilizada pelas mulheres é a utilização de plantas medicinais para prevenir ou curar enfermidades, estas múltiplas trajetórias tecidas na busca do

cuidado da saúde, é conhecido como itinerário terapêutico, compreendido como diferentes sistemas de cuidado, definidos segundo as necessidades de saúde e das disponibilidades de recursos sociais existentes (GERHARDT et al. apud SILVA 2018). As distâncias a serem percorridas até as unidades de atendimento, a precariedade dos serviços, a falta de locais para a manipulação dos remédios, ou ainda, na busca por tratamentos alternativos aos convencionais contribuindo para a manutenção das intervenções populares, ou seja, contribuem para a existência das farmacinhas. Assim, as plantas medicinais representam um recurso cotidiano, e parte deste acervo de práticas baseiam-se na utilização de chás e remédios caseiros. A Saúde Alternativa é considerada pelo grupo como uma farmacinha<sup>5</sup> e foram diversas as mulheres que contribuíram no processo de construção desse espaço, através do diálogo sobre temas relacionados ao seu universo das mulheres, constituído pelo movimento de mulheres do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), que tinha como eixo a revalorização e recuperação biodiversidade e conhecimentos para atender problemas relacionados com a saúde da família, em geral, sob responsabilidade das mulheres.

De acordo com a pesquisadora, com o passar dos anos, a busca por conhecimento ampliou-se pela realização de cursos profissionalizantes sobre a medicina chinesa, homeopatia, bioenergética, massagem, dentre outros. Atualmente, esta farmacinha é reconhecida pela comunidade regional como um espaço de referência em tratamentos alternativos, atendendo não só os agricultores familiares do STR, mas também pessoas do meio urbano e de outros municípios. Para além deste objetivo, observa-se a emancipação das mulheres rurais, através do estabelecimento da igualdade social e política.

O quarto trabalho escolhido foi a Dissertação de Mestrado de Silvia Beatriz Costa Czermainski intitulado: **A política nacional de plantas medicinais e fitoterápicas: um estudo a partir da análise de políticas públicas (2009)**. A escolha desse trabalho com uma textura muito diferente dos demais, propicia a construção de um olhar que problematiza a indústria farmacêutica. Nesta

---

<sup>5</sup> Segundo a autora é importante registrar que o termo farmacinha é assim utilizado pelas mulheres para designar o espaço de preparação de remédios, encontros e de atenção às pessoas que buscam atendimento

investigação a autora relata a biodiversidade de plantas medicinais entendendo-as como uma oportunidade de crescimento para a indústria farmacêutica na busca de novos insumos, numa visão mais vinculada à preservação e sustentabilidade, como estratégia para a soberania dos recursos naturais do país. Além disto, são viabilizadas ações que materializam condições para a ampliação do acesso aos medicamentos e a outros insumos e informações sobre as diversas técnicas terapêuticas existentes, com qualidade e segurança, fator fundamental para a tomada de decisão nas ações de saúde e da promoção à assistência.

Além disto, a autora considera que os medicamentos fitoterápicos são reconhecidos pela indústria farmacêutica como uma oportunidade de mercado, pelo crescimento acelerado do consumo e pelo potencial de pesquisa que a biodiversidade brasileira envolve. Também se consideraram, nesta investigação, as características culturais e políticas do estado, onde a sócio diversidade é expressiva, com influência de várias culturas no uso de plantas medicinais - indígena nativa, africana trazida pelos escravizados, e europeia pela colonização alemã, italiana e, principalmente a portuguesa.

Algumas indústrias farmacêuticas localizadas no Rio Grande do Sul, nas quais predominam linhas de produção de fitoterápicos (PEREIRA apud CZERMAINSKI, 2009), tiveram origem em farmácias instaladas por imigrantes alemães e suíços no início do século passado, trazendo uma forte contribuição ao uso e formulações a partir de plantas medicinais europeias. Segundo a autora, essa ideia também remete à política estudada em relação à questão da regulação do uso das plantas medicinais e fitoterápicas e a tensão que a legislação e por consequência as ações de inspeção e fiscalização sanitária promovem nas organizações populares que lidam com o uso tradicional e popularizado de plantas medicinais.

Lendo este trabalho pude identificar que a indústria farmacêutica, no que tange a manipulação de fitoterápicos, faz uso dos saberes populares e ou se origina das pequenas farmacinhas localizadas em pequenas comunidades.

Continuando minha trajetória, fiz a escolha de outra Dissertação. Esta foi escrita por Carla Cristiane Mueller - **A construção do conhecimento em comunidades rurais por uma educação do campo na região do tabaco**

**(2015)**. Esta pesquisa aborda a construção do conhecimento em comunidades rurais, por meio da recuperação dos saberes locais. A partir disso, a autora estabelece uma conexão entre as famílias e as escolas do campo, uma reflexão sobre os conteúdos e métodos utilizados, tornando os sujeitos empoderados, capazes de fazer a sucessão das propriedades rurais. Essa pesquisa veio ao encontro/desencontro que me aconteceu no início da minha formação. Os modelos gerados sobre escola do campo, como um lugar de rusticidade e lugar de um “descaso com a educação rural é geralmente colocado quando se diz que as famílias rurais não valorizam a escola colocando seus filhos para trabalhar, ao invés de estudar”. (MUELLER, 2015, p.15)

Conforme a autora, tal concepção é uma forma utilizada para fragilizar as escolas do campo, que buscam na valorização dos saberes locais, na agricultura orgânica, no empoderamento das mulheres do campo e na visibilidade de suas singularidades seu espaço de fortalecimento. Outro aspecto importante é o papel social da escola na comunidade rural, pois ela é o cenário de vários eventos sociais, como jogos, bingos, bailes, feiras de artesanato e cultura típica local, cursos para comunidade em geral com parcerias com os clubes de mães, etc. Deste modo, seria possível afirmar que a vida social de uma comunidade acontece na escola. Conforme afirma Chassot (2001, p.54), “a escola rural necessita de uma prática pedagógica diferenciada, que saiba veicular um saber significativo em indicadores para ação das famílias rurais”.

Esses saberes locais que essas comunidades possuem, estão centrados nas culturas morais, artísticas, religiosas, na agricultura, pesca e artesanato entre outros. Seus saberes são transmitidos de geração a geração, principalmente, através da oralidade. A cultura é o fundamento dos saberes locais e, por este motivo, essa pesquisa corrobora com o que pretendo investigar no que se refere a cultura e a memória, compartilhada pelas guardiãs, dos saberes sobre plantas medicinais, pois, é de grande importância para a comunidade a que pertencem.

Encerro, com a certeza de que todas as leituras escolhidas foram importantes para uma elaboração mais consistente da minha pesquisa e de grande valia para a minha aprendizagem. Além disto, destaco o respeito à todas



essas mulheres que, com suas investigações, subsidiam novas pesquisadoras, como eu, no despertar para a produção científica.



## 2. ESTAR LÁ... COMPONDO OS CAMINHOS DA PESQUISA.

E preciso contar os caminhos que percorri, a fim de constituir as respostas para as indagações que fiz, ao longo da minha pesquisa. Assim, este capítulo tem um viés “metodológico”, pois descreve o *lócus* da pesquisa, os participantes que foram entrevistados e os movimentos que fiz: observação, inserção nos fazeres cotidianos, escutas, leituras e alguns registros fotográficos. Acredito que tais movimentos foram “necessários para juntar, articular, fazer cortes e colagens, montar mosaicos” (MEYER; PARAÍSO, 2005, p.40). Assim, o mosaico aqui construído é resultante de movimentos que não foram lineares, mas se constituíram-se de idas e vindas, que misturavam o observar, o fazer e o escutar, pois, minhas “perguntas desencade[avam] buscas que engendra[vam] várias possibilidades de respostas e outras tantas perguntas, num processo que nunca está[va] finalizado ou completo” (MEYER; PARAÍSO, 2005, p.30)

Antes de descrever o *lócus* da pesquisa e o material empírico produzido, é pertinente ressaltar meu entendimento sobre: pesquisa e método. Acompanhando Sandra Corazza (2007, p.121) entendo a prática de pesquisa como sendo:

[...] um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar, uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle; uma maneira de fazer amigas/os e cultivar inimigas/os; de merecer ter tal vontade de verdade e não de outra (s); de nos enfrentar com aqueles procedimentos de fazer e com tais mecanismos de poder; de estarmos inseridas/os em particulares processos de subjetivação e individualização. Portanto, uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida.

A pesquisa, no entendimento da autora, me conduz a pensar que a prática de pesquisar acaba constituindo certo modo de estar no mundo. Passamos a olhar e a interrogar mais o que nos cerca, enveredamos por um processo que nos leva a estranhar tudo aquilo que parece natural, legítimo, certo. Desconfiamos das verdades dos discursos que as sustentam, e nos conformam em um modo de ser. Dessa forma, a pesquisa nos subjetiva, abrindo a possibilidade de nos tornarmos diferentes do que vínhamos sendo. Como diz Foucault (2006, p. 66) “é muito chato ser sempre o mesmo”.

Ademais, entendendo que a pesquisa é um grande desafio e os caminhos por ela trilhados nos levam a produção de saber. Coloco-me então, na condição de pesquisadora iniciante que encontra “[...] gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler sinais da terra, das árvores e dos bichos. Não sei ler as nuvens, nem o prenúncio das chuvas. [...] Neste território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável.” (MIA COUTO, 2011, p.14,15).

No que se refere a expressão método, cabe pontuar que não estou tomando-a num sentido rígido, de passos rigorosamente encadeados, engessados, que pressuponham um guiar-se solidamente construído. Minha compreensão está mais próxima a interpretação “que lhe dava a escolástica medieval: algo como um conjunto de procedimentos de investigação e análise quase prazerosos, sem maiores preocupações com regras” (VEIGA-NETO, 2003, p.20). No entanto, o fato de não termos “maiores preocupações com as regras”, não significa um relativismo exacerbado. Alguns cuidados metodológicos são necessários ou como diz Foucault (2002, p.93), são necessárias algumas “prescrições de prudência”.

Tais prescrições, no tipo de análise que tem em Michel Foucault seu principal aporte teórico, exigem que, por exemplo, trabalhem, na exterioridade do dito, ou seja, não buscamos por essências, mas interessamo-nos pelos processos que tornam as coisas ditas verdadeiras. Dito de outra forma, acompanhar Michel Foucault é “[...]. Sacudir a quietude com a qual as aceitamos [as verdades]; mostrar que elas não se justificam por si mesmas, que são sempre

o efeito de uma construção cujas regras devem ser conhecidas e cujas justificativas devem ser controladas [...]. ” (FOUCAULT, 2002, p. 29).

Diante dessas premissas, passo descrever as trajetórias que fui compondo na realização da pesquisa. Com finalidades didáticas, descreverei o *lócus* de minha investigação: a Farmacinha da Solidão<sup>6</sup>, as participantes da pesquisa e o modo, os movimentos que fui elaborando para constituir meu material de análise.

## 2.1 *O* *lócus* da investigação.

O lugar escolhido para minha investigação foi a Farmacinha da Solidão que se localiza no município de Maquiné no litoral norte do RGS, dessa forma cabe aqui apresentá-lo<sup>7</sup>.

### *A farmacinha:*

*Minha primeira ida a farmacinha ocorreu em um dia ensolarado. Depois de várias tentativas por telefone, chegou o dia de estar lá. O verão escaldante não desanimava minha vontade de pesquisa. Levava comigo os apetrechos que considerava importante (caderno de campo e o celular, caso precisasse gravar algo ou tirar fotos) para a função que assumia naquele momento: uma pesquisadora iniciante.*

*Era um dia qualquer de dezembro: sol, calor, ideal para sair a campo... saio de Osório rumo a Maquiné.*

*O percurso se inicia pela BR 101, passando pelo túnel e logo após a entrada para Maquiné. Atualmente a rodovia foi modificada pelo túnel. Antes o acesso a Maquiné era via BR 101, agora pelo desvio, o caminho particularmente ficou até mais belo, uma estrada mais tranquila, que já começa a dar pistas da cidade que está se aproximando. Entrando em*

<sup>6</sup> No Apêndice 1 estão disponíveis algumas fotos da Farmacinha do Vale da Solidão.

<sup>7</sup> Para ver uma descrição mais detalhada da farmacinha ver o trabalho de ERICE, Adriana Samper (2015).

*Maquiné, observo que o rio é um parceiro da estrada, o asfalto acompanha até nos informar que o centro da cidade acabou, e inicia-se a estrada de chão. Sem auxílio do GPS, porque o sinal começa a diminuir até que cessa. Vou me guiando pelas placas que avisto no caminho. A dúvida surge quando não encontro nada que me indique o trajeto a seguir. A falta de conhecimento possibilita interações, pois, ao parar o carro e perguntar ao morador que avisto, inicia-se uma pequena conversa. Como é percebido que não sou moradora daquele local, sou questionada na mesma hora em que solicito informação. Isso é muito interessante, porque as pessoas acabam respondendo muito além do que você perguntou. Sigo a diante e o rio continua a ser o meu companheiro até que ele resolve cortar a estrada. A paisagem, um balneário, quase me faz perder o foco, deu muita vontade de descer do carro e molhar os pés naquele riozinho, com água cristalina, que de dentro do carro me possibilitava avistar as pedras. Assim, a paisagem linda se oferecia para mim, como uma pintura de tela.*

*Sem perder o foco, continuo e atravesso a barragem que possibilita minha passagem de uma margem a outra do rio. Esse agora não me acompanha mais. Vou visualizando as plantações que vão se mostrando pela estrada: grandes hortas de verduras, abacaxis e bananas. Consigo observar da estrada mesmo, porque essas roças vão beirando a mesma, devo acrescentar que a paisagem vai se tornando mais linda ainda e a aproximação dos morros, me avisa que estou chegando em um Vale.*

*E é esse “Vale” que estou à procura, continuo e necessito de auxílio para me guiar novamente. Outra interação. Paro em um comércio, o único que avistei, depois que atravessei o rio, e solicito informações. Tudo se repete, a conversa se estende e conheço um pouco mais do lugar. Saio mais orientada, pois as informações obtidas me dão a certeza de que estou no “rumo certo”. Esta é a estrada! Durante o caminho acabei, por várias vezes, tendo que fazer escolhas por uma alternativa. As intersecções me questionavam: direita ou esquerda? Na dúvida eu sempre pegava a esquerda...*

*A estrada vai ficando mais estreita, conforme vou me aproximando dos morros. É um aviso que logo, logo ela vai se findar...*

*Avisto a placa tão esperada por mim e que aparenta estar ali há muito tempo, pois suas letras já estão quase apagadas, mas resistentes a identificar, “Farmacinha Filhas da Esperança”. Continuo subindo o morro, e finalmente chego. Ao final entendo o porquê deste nome: “Vale da Solidão”. Não se trata de uma solidão triste, mas, de uma solidão que nos convida à contemplação. O lugar traduz-se em contemplar, a paisagem, o vento, o cheiro do mato... aquele absoluto silêncio de natureza que nos toca<sup>8</sup>.*

*Ali estava uma casa de madeira no fim da estrada. “Aparentemente este lugar é simples”. Nada mais havia por ali. Não tinha moradores, vizinhos. Nada além de uma casa de madeira roxa com janelas verdes e toda cercada. Ao redor da casa, identifiquei um mini horto. Plantações de babosa, penicilina, boldo e bardana se misturavam com pés de limão, goiaba e abacate. O pé de arruda, plantado na entrada do portão, ajudava a compor o cheiro da mata que invadia o local. Perguntei-me, de imediato, o motivo que as levavam a cercar a casa, visto ser ela tão afastada de tudo. Raiz Forte, ao perceber minha inquietação, foi logo dizendo: “/sso aqui é tranquilo, dá para dormir de porta aberta, temos que cercar por causa dos cachorros”.*

*“Na entrada, deparei-me com uma varanda e com o primeiro “código” deste grupo: era necessário tirar os sapatos para entrar na casa”. Feito isso, entrei! Uma sala grande que abrigava lá no fundo uma cozinha. Neste espaço múltiplo, tínhamos o fogão, a geladeira e o balcão-pia. No centro, uma mesa grande com algumas cadeiras. No lado esquerdo de quem entra no recinto, um sofá. Mais ao fundo, uma cama. Do lado de uma das janelas, encontravam-se duas cadeiras que sustentavam uma peneira grande tapada com um pano branco. Entendi mais tarde que esse era o secador, um artefato que servia para desidratar as plantas. Achei estranha a cama. Me*

---

<sup>8</sup> Fotos do trajeto e da placa que indicava o caminho estão no Apêndice 2

parecia que ela estava “fora de lugar”. No entanto, sua função permitia sua estada ali: a cama servia para as sessões de Reiki e para as consultas com Rafinha.

Além desta sala/cozinha/quarto, existia outro espaço que abrigava uma série de prateleiras e armários. Apelidei este espaço de “laboratório”, pois eram cheios de vidrarias<sup>9</sup>. De um lado, vidros com ervas já secas. De outro, ervas embebidas em cachaças para serem curtidas e, por último, vidros contendo as tinturas (remédios) já prontas. Todos os vidros possuíam etiquetas. No primeiro grupo, a etiqueta sinalizava o nome da erva. No segundo, além do nome, a data da infusão, pois, cada erva necessitava de um tempo específico de maturação. No terceiro grupo, estavam sinalizadas: o nome da doença a ser combatida e a data de fabricação, por exemplo, reumatismo, diabetes, colesterol. Em uma peça anexa, ao lado da varanda, encontrava-se o espaço para a manipulação de shampoos, cremes e sabão. Fora da casa, na parte dos fundos encontrava-se o banheiro.

A simplicidade da casa reflete-se, com mais intensidade, na acolhida da recebida. De início tive um deslumbramento “ansioso”, pois queria justificar minha estada lá. Do mesmo modo, elas pareciam ter pressa em querer contar todo o trabalho realizado. Tal fato ocasionou certos esquecimentos, como no caso da oração que deveria ser realizada no início de cada encontro. Parecia-me que a velocidade, a vontade de pesquisa, de resultados, impedia um outro modo de habitar este espaço. Aos poucos, fui me deixando encantar e a vagareza fez com que eu pudesse experienciar a energia daquele local.

---

<sup>9</sup> No Apêndice 3 apresento algumas fotos deste local que nomeei de laboratório. Aponto também parte de processo de produção dos elixires.

## 2.2 Os participantes da pesquisa

Como participantes da pesquisa, foram entrevistadas quatro mulheres e um homem<sup>10</sup>, e para identificá-los, utilizei pseudônimos com o nome de plantas. A escolha de certos nomes de plantas para construir a relação com os sujeitos entrevistados, se deu pelo princípio ativo das plantas selecionadas e pela minha percepção dos sujeitos. Assim, por exemplo, ao nomear uma entrevistada por Camomila, significa que ela me transmite os princípios ativos estimulados por esta planta: calma, serenidade. Cabe ressaltar que todos os participantes tiveram a oportunidade de ler os excertos de suas falas e, sugerirem modificações.<sup>11</sup>

Além disto, minha intenção foi, não somente para manter o sigilo dos autores das narrativas, mas também para indicar que no referencial que sustenta esta investigação não é relevante quem disse, quem fez tal afirmação. O que importa é o dito, aquilo que entra em um campo de dizibilidade, pois entendo que tais ditos são:

Práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. E esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2002, p.55).

Nas análises que fiz sobre as práticas e os fazeres das mulheres da farmacinha foi o "mais" que busquei destacar. A riqueza das falas e dos conhecimentos partilhados, as "verdades" que sustentam as manipulações das ervas e os afetos que transitam neste espaço é o que intencionei visibilizar e que, conforme Foucault afirmou será "preciso descrever". Nessa perspectiva, passo a descrever os sujeitos da Pesquisa:

---

<sup>10</sup> A escolha desse participante, do sexo masculino, ocorreu porque, no decorrer da pesquisa, algumas entrevistadas comentavam sobre Manjeriçã, salientando que ele era um defensor do trabalho realizado na farmacinha. Assim, consideramos pertinente entrevistá-lo.

<sup>11</sup> Isso realmente aconteceu. Manjeriçã ao ler o que transcrevi sobre ele sugeriu pequenas alterações. Essas foram acatadas por mim.



### **Raiz Forte**

[ *Armoracia rusticana* ] substantivo feminino

*Estimula o sistema imunológico, usada como condimento picante.*

*Substantivo para identificar uma mulher forte e resistente. Com 66 anos nascida em Maquiné, Raiz Forte é esposa, mãe, vó e coordenadora atual da Farmacinha. Com muito respeito e admiração, se coloca como discípula e reconhece com muita humildade que tudo o que sabe, foi aprendido com uma grande amiga. “Quem iniciou tudo aqui, foi a mestra velha. Eu a chamo assim porque tudo que aprendi foi com ela, foi através dela que foi se formando a farmacinha em 1991. Ela foi formando grupos, que chegaram a mais de 120 farmacinhas”. Raiz Forte diz que mantem sua força, através de cada nova participante que vai chegando ao grupo. Relata com muito saudosismo a época em que saía para fazer formação e aprender com as mulheres de outras farmacinhas. Eram muitos os cursos oportunizados que reuniam diversas mulheres. No entanto, uma enfermidade aconteceu com o seu esposo e acabou por limitar sua participação mais ativa, ficando neste momento na imanência de contar com outras participantes.*

*De forma entristecida, relata que tem sido pouca a participação e o envolvimento da comunidade com a farmacinha. Afirma não entender porque ainda existe o preconceito das pessoas e aponta que: “se fosse pra dar confiança pra isso, nós já tínhamos desistido há muito tempo”. É essa força de [re]existência que faz a farmacinha da solidão sobreviver em uma localidade afastada do centro e com poucos recursos humanos e materiais.*



*Raiz forte é agitada e quando chega a farmacinha há necessidade de fazer, em pouco tempo, muitas atividades. Isso faz com que o dia se transforme em uma correria. Por este motivo, ela sempre diz a todas o que fazer, mesmo que seja o primeiro dia de participação no grupo. Quem chega, já vai trabalhando: limpando os vidros, fracionando os elixires, etiquetando os remédios. Não há grandes explicações, se aprende fazendo.*



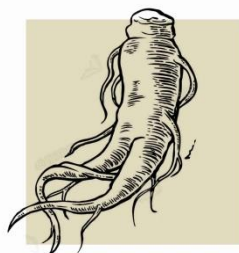
### **Camomila:**

*[Matricaria chamomilla] [propriedades relaxantes e ligeiramente sedativas que ajudam a relaxar e a tratar a ansiedade e o nervosismo]*

*Trinta e oito anos, moradora de Maquiné desde 2017. Casada há 6 anos, é mãe de dois meninos e uma menina. Camomila é uma mulher de voz mansa e calma e essa calma traduz-se em uma vagareza de ser. Seu caminhar parece ser leve! Logo que chegaram em Maquiné tiveram como ofício uma livraria, seu companheiro é livreiro e escritor com quatro livros publicados. Segundo Camomila: “[...] a gente resolveu vir para cá e fazer aquilo que a gente sabia”. Os dois se conheceram em um fórum social, nos idos de 2013 e algo em comum os aproximava: trabalhavam com arte. Camomila é multifacetada: bailarina, fotógrafa, nutricionista e produtora de cultura e ele, poeta e livreiro. “Nós somos artistas, junto com a livraria há também o Brechó” diz ela. Importante observar que sua aproximação e interesse pelas plantas medicinais ocorreram em um encontro com indígenas que, para*

comprar roupas, foram ao seu brechó: “numa dessas vindas das índias guarani, com muita dificuldade de comunicação entre nós, eu perguntei se elas tinham um remedinho, algumas coisas para eu colocar no meu peito e elas falaram que iam pedir para o Cacique fazer”. A esperança de conseguir o “remédio” se esvaiu, pois ele nunca chegou. Camomila interpreta este fato à dificuldade de comunicação. De acordo com ela, este deve ter sido um dos impedimentos, pois “o remédio nunca veio”. Mas, o universo parecia conspirar para uma aproximação de Camomila com as plantas medicinais, pois conheceu uma voluntária da ANAMA, que trabalhava com algumas mulheres camponesas de Maquiné e que informou à Camomila que, todas as quartas feiras, lá no Vale da Solidão, aconteciam encontros de mulheres, que se reuniam e faziam medicamentos naturais. Camomila não conseguiu esconder a alegria deste encontro quando relatou: “daí eu fui com ela, ela me levou, eu cheguei lá, e encontrei a Raiz Forte, aquele lugar, aquela casinha no meio da mata e tive um atendimento, psicológico, físico, emocional, enfim, tudo, espiritual até posso dizer, por ela, eu me senti acolhida, me senti fazendo parte”.

A partir desse encontro Camomila iniciou um trabalho como Terapeuta Holística que envolve a prática de Reike. No entanto, sua faceta fotógrafa a inspira na criação de um projeto que tem por objetivo fazer um registro das plantas medicinais atualizado com as plantas da região de Maquiné, como ela diz: “a gente tem pouco material aqui desse espaço da farmacinha da solidão, da mata atlântica, então eu estou bem voltada para esse trabalho, fazer visitas nos espaços e registrar, então esse é o meu movimento agora e o meu objetivo principal”.



### **Ginseng**

*[Panax ginseng] [propriedades calmante, sinônimo de força e bem-estar]*

*Ginseng como muitas mulheres é um sinônimo de força, dedicada nos cuidados de Jasmin sua filha de 2 anos e no bem-estar de sua família. Professora de Filosofia/Ensino Religioso e Yoga, está, no momento, cursando Pedagogia. Moradora de Maquiné há dois anos, veio da Região da Fronteira do RGS. Já morou em Santana do Livramento, Santa Maria e Itará onde foi resgatar uma aproximação com a natureza.*

*A partir disso, vem trabalhando com os cosméticos naturais, “comecei fazendo coisas para mim, creme, sabão, shampoo, também fiz óleos essenciais, mas agora atualmente eu estou mais na saboaria mesmo”. Na busca por resolver questões que a incomodavam, optou em produzir naturalmente só os sabões.*

*Como professora, dividia seu tempo. Assim, não diferente de muitas mulheres que têm jornadas duplas e até mesmo triplas, Ginseng divide: “metade da semana com as aulas, 20h, não pego muito também, e outra metade para isso [fazer sabão]”. Ginseng comercializa os seus produtos em feiras, que acontecem nas praias do litoral norte e no interior do Estado. Assim, mesmo com a dedicação ao magistério, ela afirmava; “hoje eu vou fazer sabão daí eu parava tudo e fazia, nem que fosse uns dez sabões, pouquinho, mas fazia”.*

*Relatou que o seu despertar pelas plantas medicinais foi intuitivo, “foi uma coisa meio intuitiva, que foi acontecendo, e aconteceu simultaneamente na mesma época com várias amigas, o interesse pelos florais, tudo foi*

*intuitivamente, começamos a fazer as essências, os perfumezinhos, a gente foi descobrindo o poder das plantas medicinais entre as mulheres, uma falava para outra”.*

*Mesmo buscando uma segunda formação Acadêmica, se sente muito mais feliz fazendo sabão. Afirmava isso na sua vontade de permanecer mais “no meio da floresta só fazendo isso”. Segundo seu depoimento, a realização em poder fazer seu sabão e manter um equilíbrio na sua vida faz com que mantenha sempre “a chaminha acesa”, ainda que as vezes sua vida estivesse “bem puxada”.*



### **Alecrim**

**[Rosmarinus officinalis]**

*em latim significa orvalho do mar - Propriedades [Reforça a memória, melhora o humor].*

*A terceira entrevistada é marcante como o aroma do alecrim. Possui atitude, pode-se dizer que é uma mulher de opinião forte e decidida. Além desta característica é alegre e empoderada. Tem 31 anos mora em Maquiné há um ano e meio. Nascida em uma cidade pequena chamada Tapejara, cidade do interior do RGS com 20 mil habitantes, próximo a Passo Fundo, Alecrim foi para Porto Alegre, fazer faculdade de Antropologia/Ciências Sociais. Permaneceu lá por três anos, posteriormente transferiu-se pra URFJ no Rio de Janeiro. Durante a graduação, se envolveu em projetos sociais, trabalhando no observatório de Favelas na Maré com fotografia popular, e comunicação crítica. Diz ser importante, relatar esses fatos, porque depois que terminou a faculdade contou que: “fiquei meio que sem*

rumo, assim sem saber pra onde ir, não queria seguir vida acadêmica, que eu tinha isso como certo”. Nas andanças pelo Rio de Janeiro conheceu um pessoal de Santa Maria que vivia em comunidade. A fim de experienciar este tipo de convívio, Alecrim permaneceu na comunidade durante três meses. Findado este tempo, Alecrim foi convidada a permanecer no local e iniciar um trabalho com as plantas medicinais. Talvez estivesse aí a possibilidade de rumo, tão desejada por Alecrim, para a sua vida. Viver no campo era algo que já gostava, pois ela insistia em se denominar: “da roça, [...] sempre tive essa pegada das plantas”. Foi então que começou a preparar a própolis, pois tinham várias caixas de abelha. Segundo o seu depoimento, este foi o início de uma trajetória de vida voltada para a produção de uma “medicina” mais natural, pois posteriormente vieram as pomadas e os xaropes, entre outros. Diz empolgada que tudo foi acontecendo muito rápido. “Começamos fazendo para nós, [grupo de amigas], e logo já começamos a participar de feiras e a fazer formações”. Ao término da entrevista, diz pensativa: “não foi algo pensado, o caminho foi se fazendo, foi uma consequência de muitas vibrações, foram se abrindo campos”. Atualmente Alecrim continua envolvida com este trabalho.



### **Manjeriçã**

[*Ocimum basilicum*]

Manjeriçã trabalha como escritor e livreiro desde os seus 15 anos. Vivia em Porto Alegre e há dois anos veio morar em Maquiné. Segundo ele, a arte da escrita é um dom que possui. Cabe lembrar que Manjeriçã é filho de livreiro, ou seja, foi criado em meio aos livros. No entanto, em algum momento de sua adolescência, achou que seria músico. Mas, com 14 anos, antes mesmo de pegar em um violão, já tinha escrito sua primeira poesia.

*Essa foi feita para um trabalho na escola e segundo ele, algo que parecia ser tão difícil para seus colegas foi muito natural para ele. Apesar de sua facilidade com a escrita, a música insistia em permanecer, pois ele mencionou ter formado uma banda. Mas, o que ficou mesmo, foi a poesia do compositor. Ele também escreve contos, e fez algumas tentativas de produzir um romance. Porém, é a poesia que o toca mais. Seu contato com a farmacinha, iniciou-se logo após o nascimento de sua filha, pois não conseguia ajudar sua esposa com os cuidados exigidos por uma criança recém-nascida. Como ele afirmou: “me dei conta que o meu corpo estava se indo”. Por estar acometido de uma enfermidade, se questionava, ao pensar na possibilidade de não ter saúde física e mental para participar ativamente do crescimento e das descobertas da vida de sua filha. A partir dessas reflexões, começou a pensar em um tratamento alternativo, tomando a decisão de parar de fazer uso dos remédios alopáticos. Mas relatou o quanto este processo “foi difícilimo, [...] mas o que que é fácil na vida das pessoas né?”. O relato dele é o depoimento de quem faz uso regularmente dos medicamentos e defende o trabalho produzido pelas mulheres da farmacinha do Vale da Solidão. Afirmou que ao iniciar o uso dos remédios da farmacinha, já percebeu que seu organismo respondia positivamente ao tratamento alternativo com as plantas medicinais. Quando percebeu, já não fazia mais uso dos medicamentos alopáticos. Durante a entrevista, fez questão de ressaltar que os remédios alopáticos “murchavam o cérebro, e me deixavam anestesiado”. Atualmente, tem feito uso de várias ervas e diz serem estes os seus remédios naturais. Seu entusiasmo é tão grande, que tem vontade de ser um dos divulgadores da farmacinha da solidão. Seu objetivo é fazer com que se alastre esses conhecimentos, porque diz saber do benefício que teve pelo uso dos remédios da farmacinha. Entende que esse ato é uma forma de agradecimento e diz: “porque eu sei como é que o sistema [da indústria farmacêutica] age com a gente”.*

Aqui encerro o mosaico constituído que aponta, mesmo que de forma breve, o modo como realizei esta investigação. Posso dizer que minha pesquisa foi se construindo a partir de um tripé: fui lendo, escrevendo e olhando o material produzido pelas entrevistas<sup>12</sup> e pela minha participação no *lócus* da pesquisa. Mesmo tendo descrito no capítulo de revisão de literatura trabalhos que já foram realizados com meu objeto de pesquisa, a “Farmacinha do Vale da Solidão”, acredito que o exercício de olhar que fiz, me permitiu dizer outras coisas. Tais coisas não são melhores ou piores do que já foi dito. Mas, são simplesmente outras coisas, advindas de um outro olhar, de outra perspectiva. Dito de outro modo, penso ter multiplicado olhares. No próximo capítulo, resgato meu problema de pesquisa e apresento os resultados que consegui produzir ao longo de minha investigação.

---

<sup>12</sup> Destaco que apresentei o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) aos entrevistados esclarecendo a importância deste documento, no que tange aos compromissos éticos e à proteção tanto da pesquisadora quanto dos participantes da pesquisa (Apêndice 4). Os documentos assinados estão salvaguardados com a pesquisadora.

### 3. RODUZINDO RESULTADOS DE PESQUISAS

Início esse capítulo com a intenção de não expor somente os resultados desta investigação, mas, principalmente, relatar a experiência que tive ao longo desta pesquisa. As palavras escolhidas neste texto tentam dar voz aos novos sentidos que atribuí ao pensamento e as ideias que fui tecendo ao longo deste percurso, pois, como Larrosa (2015, p.16) afirma: “não pensamos com pensamentos, mas com palavras”. Assim, traduzo aqui uma forma de pesquisar que ia se compondo através das palavras que me tocavam com afeto, das leituras que ia buscando e que me auxiliavam a interpretar os dados que ia produzindo e as tentativas de ensaiar uma escrita. Nas leituras que fiz fui entendendo que seria necessário provocar alguns deslocamentos de mim mesma, pois a

Experiência, a possibilidade que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2015; p.25).

Aprendi a necessidade da vagareza, do exercitar a paciência, pois, a pesquisa me exigia um repensar, um olhar mais atento aos fazeres e saberes que circulavam neste espaço. O exercício da escuta [mais devagar] teve como efeito a desnaturalização de verdades que me acompanhavam e a construção de outras advindas de novos olhares que não únicos e absolutos, mas construídos a partir de outra perspectiva.



A partir desta perspectiva, multipliquei olhares sobre modos de fazer e cultivar tradições que são milenares, tais como os remédios que essas mulheres produzem a partir das plantas medicinais. Pude, dessa forma, descrever a multiplicidade de seus conhecimentos e de suas experiências; conhecer um pouco de suas histórias de vida e, tal condição me possibilitou identificar a força que sustentam seus saberes e fazeres e que se constituem em formas de Re-existência, ou seja, resistências e re-existências que possibilitavam novas maneiras de existir.

Todo o movimento acima descrito, se fez necessário para que eu pudesse responder o seguinte problema de pesquisa: Que relações são estabelecidas pelas mulheres pertencentes a farmacinha comunitária do Vale da Solidão do município de Maquiné – RS com os saberes e fazeres envolvidos na produção dos remédios por elas fabricados? Passo então, a transcrever com palavras, carregadas de amorosidade, generosidade e cuidado, os resultados que produzi nesta investigação. Como respostas para meu problema de pesquisa, as relações estabelecidas que pude identificar foram as seguintes.

### 3.1 **R**elações de amorosidade, generosidade e cuidado.

Meu primeiro resultado de pesquisa diz respeito as relações que os entrevistados estabelecem com seus saberes e fazeres. A partir do que fui percebendo durante meu estar no *lócus* da pesquisa, nomeei tais relações de amorosidade, generosidade e cuidado.

Ao estudar o texto de Jorge Larrosa (2002) identifiquei que, segundo o autor, existem dois modos, muito antigos, de nos relacionarmos com o conhecimento, que são: ciência/técnica e política/crítica. O primeiro para nos lembra uma perspectiva positivista, já o segundo nos remete a uma relação teoria/prática. De acordo com o autor:

Se na primeira alternativa as pessoas que trabalham em educação são concebidas como sujeitos técnicos que aplicam com maior ou menor eficácia as diversas tecnologias pedagógicas produzidas pelos cientistas, pelos técnicos e pelos especialistas, na segunda alternativa estas mesmas pessoas aparecem como sujeitos críticos que, armados de distintas estratégias reflexivas, se comprometem, com maior ou menos êxito, com práticas educativas concebidas na maioria das vezes sob uma perspectiva política. (LARROSA, 2002, p.20)

No entanto, diante das observações que realizei, não percebi nenhuma destas duas relações. Parecia que ali, se estabelecia uma outra perspectiva nas relações que se estabeleciam entre os entrevistados e os saberes e fazeres envolvidos no trabalho da farmacinha. Cabe ressaltar, que me coloco a pensar como o autor, que não propõe um juízo de valor sobre os tipos de relações estabelecidas com o conhecimento, se é bom ou ruim, eficaz ou não. Minha intenção é a de, a partir das leituras feitas, pensar/explorar outras possibilidades, que me levem a interpretar os resultados de minha pesquisa. Assim, aceitei o ilustre convite de Larrosa (2002): de pensar a experiência/sentido de uma forma mais existencial e estética, para analisar as relações que perpassavam as mulheres que participavam da farmacinha da solidão.

Nesta perspectiva, o conceito de experiência elaborado pelo autor vem ao encontro do que fui observando ao longo da pesquisa. Larrosa (2002) afirma que: "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. (Ibidem, p. 21) ". Assim, experiência para Larrosa é o que nos atravessa e nos transforma, nos modifica. Foi essa relação, nomeada por mim de amorosidade, generosidade e cuidado, que percebi lá na farmacinha, pois, a experiência que ali acontecia fazia sentido, modificava e criava novas realidades para a vida daquelas mulheres que se intitulavam "Filhas da Esperança", uma esperança de que, o trabalho desenvolvido fosse reconhecido e que tivesse, principalmente, continuidade. Isso fica evidenciado na seguinte fala:

Camomila: Quando eu passo na rua convido as pessoas [para participar dos encontros da farmacinha] e, então eu
---

escuto: a minha mãe já ia, minha vó já participou, todos falam com carinho.

Camomila, ao convidar os moradores da localidade de Maquiné para fazer parte deste grupo, afirma que a comunidade construiu um laço afetivo com a farmacinha. Parece indicar que é algo que passa de mãe para filha. Existe uma certa afetuosidade nas palavras dos moradores, mesmo que não estejam, neste momento, interessados em participar de tais encontros. A relação de amorosidade também ficou explícita na fala de Alecrim, pois suas memórias da infância a atravessavam e com isso, era tocada a continuar tudo aquilo que seu pai acreditava e que lhe deixou como ensinamento. O carinho e o afeto parecem estar presentes em cada lembrança. Esse é seu olhar para a farmacinha, ele é a extensão dos saberes de seu pai. De acordo com ela:

Alecrim: Há a lembrança de tudo que foi ensinado pelo meu pai, desvendando as receitas do caderninho que ele escrevia sobre as plantas. Agradeço ao meu pai, que por ser agente de saúde, que lançou todas estas questões de pensar de uma forma diferente a respeito do mundo. E quando saí de casa, consegui olhar para tudo isso com outros olhos. A farmacinha veio ao encontro de tudo que estou fazendo, o trabalho com as plantas medicinais.

Pude perceber nos depoimentos acima que:

O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (Larrosa, 2002, p.27).

Assim, este saber é singular e não se separa daquele que o produz. Dito de outra forma, é um saber que nos atravessa e nos imprime significados que nos permitem olhar para o mundo de uma forma particular. Nesta perspectiva, Alecrim relatou que seu pai a ensinou uma forma "singular de estar no mundo", pois ela "consegui[u] olhar para tudo isso com outros olhos".

A forma de olhar o mundo diferenciada, de respeito com a natureza, faz com que muitos dos entrevistados anseiem em expandir o trabalho que é realizado por estas mulheres. Conforme Manjericão diz:

Manjericão: Nas feiras levo sempre os remédios da farmacinha. Isso só intensifica a vontade que eu tenho que a farmacinha se alastre. A farmacinha foi minha salvação... hoje me trato somente com os remédios da farmacinha. Gratidão à essas mulheres.

Este excerto deixa evidente a gratidão de Manjericão pela possível cura ou uma estabilidade em sua difícil luta contra um mal que atinge a muitas pessoas: a "ansiedade". Nos remédios da farmacinha, encontrou um apoio para enfrentar esse problema. O reconhecimento e a gratidão, deste homem, pelo trabalho que é feito na farmacinha o faz querer "alastar" a potência destes remédios. No entanto, Larrosa afirma que "o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria". (Larrosa, 2002, p.27), Manjericão, por ter se beneficiado com os remédios da farmacinha, deseja que outras pessoas conheçam a farmacinha e possam, assim como ele, ter sua própria experiência.

Além das relações acima descritas, pude perceber o quanto o saber, presente na produção de remédios, estava em movimento. Elas sempre em buscavam novos saberes, novas fórmulas, novas medicinas, afim de tratar as enfermidades que acometiam as pessoas que frequentavam as feiras. Segundo Alecrim:

Alecrim: A natureza, cuidar daquela que sempre nos curou. Nas feiras que participamos as pessoas pediam remédios para diabetes. Se não tínhamos, na próxima vez trazíamos porque íamos pesquisar, procurar saber qual planta que tinha onde a gente morava para ajudar a tratar o diabetes.

É possível dizer que quando Alecrim busca novos saberes, seu objetivo não é simplesmente obter uma nova informação. Mais do que informar-se, ela busca se apropriar de saberes que possibilitem às pessoas, que buscam os remédios, experimentar uma outra alternativa para cuidarem de si. Posso dizer que o que move Alecrim à esta busca é ajudar no tratamento das diferentes enfermidades. Além disto, a relação que se dá com o saber é de gratidão, como expressou Ginseng:

Ginseng: Agradeço a amiga que me ensinou a fazer sabão. A pessoa que me ensinou, ela dá aula, mas eu nunca consegui ir, mas ela nunca se negou a me ensinar quando eu precisei. Nos encontros que são feitos na farmacinha ocorre sempre esta troca de saberes.

Ginseng é grata pelo conhecimento que lhe foi ensinando de uma maneira gratuita. Parece não haver a interdição destes saberes. O que ocorre, são trocas. Não há um entendimento de que “o conhecimento é basicamente mercadoria e, estritamente, dinheiro; tão neutro e intercambiável, tão sujeito a rentabilidade e à circulação acelerada como o dinheiro.” (LARROSA, 2002, p.27). De forma contrária, o conhecimento é recebido e doado, como uma troca de saberes, e não como uma mercadoria a ser paga. Da mesma forma, Raiz Forte afirma:

Raiz Forte: Sou muita grata, quem iniciou tudo aqui foi a mestra velha Rafinha<sup>13</sup>, eu a chamo assim. Porque tudo que eu aprendi foi com ela.

Raiz forte relatou sua gratidão pelas aprendizagens feitas. Além disto, há a identificação de quem possui o saber como “mestra”. É possível pensar que o encontro de Raiz forte com a Mestra se deu por *afecções* no sentido deleuziano, pois “as afecções se referem ao corpo e estão, necessariamente, ligadas a um encontro entre corpos, pois implicam numa assinatura de um corpo sobre o outro. As afecções são signos ou vestígios que um corpo deixa sobre o outro quando

---

<sup>13</sup> Dona Rafinha foi a precursora do trabalho desenvolvido na Farmacinha de Maquiné. Atualmente ela se dedica a promover encontros formativos sobre as plantas medicinais em toda a região.

de um encontro. (DELEUZE, 1997, p. 156). Posso inferir que os vestígios deixados no corpo de Raiz Forte pela mestra Rafinha foram extremamente significativos pois, Raiz Forte coordena todo o trabalho da farmacinha.

Ao longo de minha pesquisa, fui também, percebendo o quanto as relações de gênero se evidenciavam. Havia uma relação estabelecida entre a mulher e a natureza. À mulher caberia o cuidado e a geração da vida. Tais relações ficaram evidenciadas nos seguintes excertos:

Raiz Forte: A natureza e a mulher estão associadas com o cuidado, mãe é geradora da vida.

Manjerição: A mulher é quem dá o fruto pro mundo, que faz germinar de si mesma aquilo que faz o mundo andar, como a gente entende o mundo. A gente tem um pré-conceito que nem sabe que tem. Esse trabalho só podia ser feito por mulher, que tem um olhar que nós [homens] não temos. A gente não deve negar isso, que é da natureza do homem e da mulher e por isso que se completam

De acordo com as entrevistas, a mulher e a natureza pressuporiam uma unidade. Existiria algo que seria específico da "natureza" do homem e da mulher, pois a mulher é entendida como sendo a única geradora humana da vida. Assim, ficou ressaltado o quanto havia, para meus entrevistados, fazeres ditos para homens e mulheres. De acordo com Silva (2000, p. 76)

A mais importante forma de classificação é aquela que se estrutura em torno de oposições binárias, isto é, em torno de duas classes polarizadas. O filósofo francês Jacques Derrida analisou detalhadamente esse processo. Para ele, as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. "Nós" e "eles", por exemplo, constitui uma típica oposição binária: não é preciso dizer qual termo é, aqui, privilegiado. As relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam. Fixar uma determinada identidade como a

norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas

O autor exemplifica a identidade como duas classes polarizadas: a mulher e o homem. No relato de Manjerição, ele afirma que nos homens há um preconceito que diz " [... ]a gente tem um preconceito que nem sabe que tem". Isso confirma a relação de poder, que fixa, na mulher, uma identidade que possui certas essências, pois segundo Manjerição "são as mulheres que têm um olhar sobre os homens, que eles mesmos não têm". Para a mulher caberia um olhar de cuidadora, que por ser a mulher geradora da vida seria ela que conseguiria entender melhor a natureza e o mundo.

Alecrim: eu não sei se é por uma coisa cultural , situada geograficamente nesse lugar do país aonde a gente está , mas a gente fez um encontro agora em Florianópolis, que a gente colocou "Roda de Comadre", talvez a gente tenha até falhado , porque ao colocar "Roda de Comadre", a gente já restringia a presença dos homens, apareceu um menino e se sentiu constrangido , mas eu acho que independe assim sabe, tipo é uma coisa que está na nossa essência , acho que é uma coisa inata do ser mulher, mas que o homem também pode ser , pode acessar, talvez a mulher possa acessar isso mais fácil , porque é um caminho da intuição , é um caminho do sentido, do cuidado, dessa ser uma pauta , tipo a gente sempre fala ne, quem é que cura? É um chazinho, não, o que cura é o colo de mãe, tipo quando tu está doente mesmo, o que é que mais cura é o colo da mãe, é um carinho, é um afago, e o homem pode fazer isso também, mas culturalmente ele não é estimulado a fazer, a cumprir esse papel a desenvolver esta função, e então a mulher se apropria muito mais fácil desse espaço, trabalhar com as ervas com as plantas é o seu campo de ação, trabalhar nessa energia mais feminina e a questão de ter sido o meu pai, assim pra mim é o que eu trago

Alecrim ressalta que os homens também têm sua contribuição a dar nos fazeres da farmacinha, mas acredita, no poder do feminino, em uma essência

que carrega como atributo o cuidado e a proteção, pois, como ela reforça: “quem é que cura? É um chazinho, não, o que cura é o colo de mãe”. Alecrim parece indicar que existe uma energia própria do feminino: generosidade e amorosidade que facilitaria a interação com as ervas e plantas. Nesta perspectiva: “as relações entre homens e mulheres são vividas e pensadas enquanto relações entre o que é definido como masculino e feminino - os gêneros”. Nesse sentido, a divisão sexual do trabalho é um dos muitos lócus das relações de gênero. (LOBO apud CASTRO; LAVINAS, 1992, p. 84). Desta forma, o poder que divide, classifica e hierarquiza, está presente nas relações entre um homem e uma mulher, entre pais e filhos, entre professor e aluno, e em diversos lugares disseminados pelo espectro social. Assim, segundo Foucault, seria uma abstração pensar a sociedade como isenta de relações de poder. “Na sociedade há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de força de pequenos enfrentamentos, micro lutas, de algum modo” (FOUCAULT, 2012, p. 226).

As relações de amorosidade, generosidade e cuidado fazem com que certas resistências ocorram nos processos de transmissão e legitimação do saber. Além disto, tais relações acabam por criar outras possibilidades de ser e estar no mundo. É sobre estas resistências e as novas formas de se relacionar com a natureza que passo a destacar.

### 3.2 **R**elações de resistência e Re (existência).

Eu, como porvindoura docente, sempre imaginei o espaço de ensino e aprendizagem da seguinte forma: um (a) professor (a) que ensina e que está à frente, conduzindo e os (as) alunos (as) que estão prestando atenção, anotando e perguntando... No entanto, ao chegar à farmacinha, esta imagem-conceito de docência se esvaiu. Não havia uma professora ensinando, por mais que Raiz forte conduzisse alguns dos trabalhos.

Confesso que tinha levado meu caderno de campo e o gravador, e intencionava observar uma aula sobre os saberes e fazeres das mulheres da



farmacinha. Porém, a experiência foi inédita: as mulheres que ali chegavam não são “iniciadas” nos primeiros encontros. Para aprender a manipular os remédios, elixires, pomadas, entre outros, é preciso persistir, lavar vidros, fracionar os elixires nos vidros e etiquetar os remédios. É fazendo o trabalho solicitado que as conversas vão surgindo e vai acontecendo o aprendizado. Pareceu-me, ser um exercício de merecimento, ou seja, se você passar por todas estas provações ou “ritual” então estará apto para conhecer as ervas e suas misturas. Interpretei durante a observação que esse ritual era necessário, para que fosse entendido que o trabalho ali requer dedicação e comprometimento. Além disto, Raiz Forte preocupa-se com o fato de que algumas mulheres querem produzir os elixires e pomadas sozinhas, mas, segundo ela este trabalho deve ser coletivo. Assim, este ritual funciona como um cuidado e ao mesmo tempo como uma resistência para os saberes que ali circulam. Resistência, pois, elas estabelecem a necessidade de participação neste “ritual” a fim de afastar qualquer concepção mercantilista de seus fazeres e saberes.

Raiz Forte: A Rafinha diz que eu deveria insistir mais com as mulheres, acho que não é isso, porque a gente convida e conversa com as pessoas, mas a maioria daqui não quer nada com nada. A própria Rafinha já tinha tido muita dificuldade aqui, a coisa não é fácil.

Dessa forma, fica evidente certa resistência ao passar o conhecimento pois, Raiz Forte necessita perceber o comprometimento das pessoas. Conseguir ter algo que atraia a comunidade tem sido uma busca constante, mas, segundo ela, é necessário para aqueles que chegam à farmacinha entender o trabalho que ali é desenvolvido. Raiz forte tenta ser uma divulgadora, mas às vezes, não consegue uma participação mais ativa da comunidade. No entanto, percebi que ela não desiste de estar sempre à frente, tornando-se persistente no trabalho junto à farmacinha.

Assim, seria um ritual de chegada para as pessoas à farmacinha: realizar as atividades “menores” (lavar vidros, fracionar os elixires, etiquetar...) para obter “a senha” que a permitirá ter acesso aos saberes envolvidos no trabalho destas mulheres. Além deste ritual “mais técnico e prático” existe outro que

entendi mais espiritual e que funcionaria como uma purificação. De acordo com Raiz Forte:

Raiz Forte: antes de começar o trabalho a gente tem a mística, fizemos uma oração para nos purificar, as pessoas que chegam se apresentam conversamos e isso ajuda para começar a fazer os remédios, os elixires, as pomadas, tudo que fizemos aqui. O nosso trabalho aqui é todo sem nenhum recurso, eu mesmo compro muitas vezes as coisas que falta com o meu dinheiro, o que se vende é muito pouco, mas não desisto, minha filha que mora agora no centro, sempre me manda as encomendas.

Raiz forte relata o seu respeito às tradições que acompanham a farmacinha, ou seja, as místicas, orações. Pareceu-me que os saberes e fazeres da farmacinha estavam envoltos em uma espiritualidade. Estes momentos, que antecedem o fazer, tinham como objetivo a purificação daquelas que iriam manipular os elixires. Além disto, fica evidente o quanto estas mulheres se dedicam ao trabalho, mesmo não tendo, muitas vezes, recursos para fazê-los. Havia ali, a persistência, como disse anteriormente, em algo que se acredita e que ultrapassa relações pautadas no capital.

De acordo com Erice (2015) que pesquisou a Farmacinha das bruxinhas de Deus e que se constitui em um dos meus referenciais, a aprendizagem das místicas e orações provém dos encontros de capacitação promovidos pelo Movimento de Mulheres Camponesas para as coordenadoras de cada farmacinha. Segundo a autora:

Trata-se de um ritual que envolve orações, música, canto ou outros elementos combinados que elas qualificam de "Mística". A importância desta Mística é grande, pois "a mística resgata em cada uma de nós a capacidade de questionar a realidade" (MMC 2004). Para Lassak (2012) a mística é uma nova expressão de espiritualidade que começou a se dar no momento em que os movimentos sociais começaram a se desvincular da Igreja. "Trata-se de uma força interior, de uma energia vital que torna capaz de suportar com perseverança as confrontações cotidianas e as lutas pela sobrevivência" (LASSAK, 2012, p.101). Os elementos apresentados têm a ver com o cotidiano das mulheres. Neste caso, no centro da sala e sobre a bandeira do MMC, podíamos observar vários chás, elixires, o livro

das “Bruxinhas de Deus” e fotografias que contavam parte da história da Farmacinha, como uma fotografia de Dona Maria, Dona Margarida e Liziane (filha da Dona Maria), outra de um dos mutirões de construção da Farmacinha, e outra do dia da inauguração da mesma. (Ibidem, p. 101,102)

No entanto, esses dois rituais (Técnico/Prático “menor” e Espiritual), pareciam criar um obstáculo para aquelas mulheres que desejavam chegar e aprender tudo rapidamente. Ou seja, a necessária vagareza para estar ali e participar de todo o processo fazia com que muitas mulheres não voltassem, pois, tinham pressa em aprender. Como Raiz Forte relatou:

Raiz Forte: Quem chega tem curiosidade, quer saber [logo] o que estamos fazendo.

Porém, entendi que esse ritual era um iniciar, uma metodologia de “aula” que exigia passar por todas essas etapas, para que se apreendesse que todo o trabalho, por menor que fosse, era importante. No entanto, elas sabem que precisam passar este conhecimento adiante:

Ginseng: Eu acho que tenho eu passar adiante, tanto que às vezes eu vejo que a gente se apegava no saber “eu não vou passar pra ninguém”, mas eu acho que tem que ser passado, porque quanto mais se expandir, tu não está perdendo tu está ganhando, eu sempre passei, quando as pessoas me perguntam como é que faz eu sempre digo, é assim não tem mistério nenhum, inclusive a pessoa que me ensinou o sabão, ela da aula, e eu nunca consegui fazer um curso com ela, porque acaba que ela da o curso em porto alegre e ela mora aqui. Mas ela nunca se negou pra nada, bah ela podia pensar “Ela vai vender sabão”, mas não, compartilhar o saber, isso é um ensinamento bom, que se aprende na economia solidaria, que tem que circular a informação, ninguém está perdendo, todo mundo está somando.

Assim, mesmo com as “barreiras” impostas pelos rituais, a transmissão do conhecimento, o dar continuidade ao que está sendo feito e a importância do compartilhar foi relatada por Ginseng. Ela acredita que, por ter sido ensinada de

modo gratuito e espontâneo, é necessário fazer o mesmo, a quem a solicitar, pois isto implica na continuidade do trabalho realizado.

De acordo com o dicionário<sup>14</sup> resistir envolve as expressões: não ceder, defender-se, suportar, durar, subsistir e conservar-se. Assim, as práticas envolvidas na farmacinha não se dão a conhecer de forma imediata, há a necessidade de suportar os rituais, a fim de defendê-los e conservá-los para subsistirem.

Observei outra prática de resistência quando elas procuram associar o nome do medicamento ali produzido com o nome dos que são vendidos na farmácia. É uma outra forma encontrada por elas para legitimar o conhecimento sobre as plantas medicinais. Exemplo disto é o elixir produzido na farmacinha para o tratamento do fígado que foi nomeado por "figatil". Essa associação permitiria dar uma credibilidade aos medicamentos, pois Raiz forte relata de forma decepcionada que:

Raiz Forte: As pessoas pensam mal da gente, não entendem direito das coisas, não acredita na coisa natural, o trabalho que a gente faz aqui ainda tem gente que não acredita.
---

Assim, segundo Foucault (1979), seria uma abstração pensar nessas mulheres pertencentes a este grupo como isentas de relação de poder. De forma geral, posso dizer que para preservar os conhecimentos "micro lutas" são realizadas por estas mulheres ao imporem rituais para acessar o conhecimento e com isto conservá-los. Além disto, associar o nome do produto a um que é vendido na farmácia significa um "pequeno enfrentamento" a indústria farmacêutica.

Observei que estas micro lutas e pequenos enfrentamentos (resistências), acabam forjando outras maneiras de existência que nomeei de Re(existências).

---

<sup>14</sup> "resistir", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/resistir> [consultado em 10-06-2019].

A proposta de vida que via se configurando nestas mulheres apostava em uma nova relação com a natureza. Camomila e Ginseng me diziam:

Camomila: A farmacinha veio para a nossa vida, um cuidado com a natureza e com minha família.  
 Ginseng: O cuidado com a natureza, nas embalagens que utilizava em meus produtos. Esse monte de embalagem me incomodava, quase fez eu desistir. Busquei embalagens reaproveitáveis para poder continuar com meu projeto.

Assim, o cuidado com a natureza fica exemplificado nestas duas falas. Para Ginseng esse cuidado se dava através da sua preocupação em não causar danos ao meio ambiente com os usos de embalagens e para Camomila estava associado com o bem-estar de ambas: natureza e família. Como diz Erice (2015, p. 7) essas mulheres:

[...] se integram a natureza, percebem, estudam, profetizam, experimentam, criam e recriam. Mulheres que benzem e que invocam deusas e deuses. Mulheres que foram e são perseguidas e queimadas porque o saber que tem é considerado uma ameaça. Mulheres que exercem o poder a serviço da vida. Mulheres que valorizam o sagrado, não havendo nem feio, nem pecado. Mulheres que convivem em harmonia com a natureza.

Nessa perspectiva, a natureza é entendida como “sagrada”. Alecrim, ao encontro desse entendimento, nos fala deste universo e da magia que existe neste lugar e nos conhecimentos dispostos pela natureza.

Alecrim: se abriu uma nova etapa, descobrir as plantas medicinais da mata atlântica, entrar nesse universo, saber o que tem aqui, usar as plantas daqui... a magia do lugar sabe, é uma confirmação de uma caminhada, porque a gente veio pra cá sem saber, mas encontrou já tudo acontecendo.

Camomila também ressalta este aspecto:

Camomila: eu vim pra cá com uma vontade muito grande de mudar, de encontrar algo novo na minha vida, e quando eu cheguei aqui, nessa região do litoral, eu percebi que eu

ia ter assim a oportunidade de encontrar, de retomar algo que estava perdido em mim, né, e que vinha ao encontro das, de toda a questão das plantas medicinais, porque eu cresci, fui criada, por um pai e por uma mãe, mas que eles, a gente morava em uma cidade na capital então não tinha muito contato com as plantas medicinais, muito pouco, todo contato que eu tinha vinha do meu pai, porque ele quando criança ficou num, ele saiu da capital e foi morar em São Gabriel, e lá ele ficou internado num tempo na escola pra aprender, tinha melhores condições, conseguiu uma bolsa de estudos e lá ele apreendeu todo o manejo com a terra, então eu cresci tendo esse sonho de um dia poder estar na natureza e quando eu tive essa possibilidade de trocar de vida realmente, deixar todo o meu trabalho lá em Porto Alegre, que meu trabalho eu era funcionária pública, eu vim pra cá, eu tive que escolher então eu vim com esse desejo de encontrar essa novidade, de encontrar na natureza um recurso pra me manter. [...] eu não tinha tempo pra mim, bem diferente daqui. Eu fazia um trabalho pela metade, porque eu dava toda uma infra estrutura, toda uma assistência, mas que eu não dava pra minha família, então eu comecei a ver que não compensava ai eu decidi mudar na época quando a gente veio pra cá, [os meus filhos] estavam precisando mais da minha atenção. Eu escolhi uma cidade aonde eu pudesse ganhar tempo, assim na verdade e ter qualidade de vida, eu encontrei aqui em Maquine.

Como prioridade, Camomila, relata a sua vontade de mudança: mudar de lugar (cidade), mudar de vida, mudar o tipo de interação que tinha com a sua família, mudar a sua relação com o trabalho. Estas mudanças representavam poder retomar experiências que estavam guardadas em sua memória, valorizando os conhecimentos que eram frutos de uma herança deixada pelo seu pai, mas que no decorrer de uma vida sem “tempo”, ficou adormecido. A possibilidade de poder se manter “financeiramente”, com autonomia e com os recursos oferecidos pela natureza também estava atrelada a sua escolha de viver em Maquiné. Acredito que a principal mudança almejada por Camomila estava na possibilidade que vislumbrava por qualidade de vida, e em efeito na concretização de uma nova existência baseada no respeito à natureza.

Encerro aqui as análises que fiz, alicerçadas no tripé que direcionou esta investigação: LER, PESQUISAR E ESCREVER. Muitas leituras foram feitas, muitos

relatos escutados. Provavelmente mais resultados poderiam ser descritos. No entanto, meu olhar de "pesquisadora iniciante" possibilitou-me estas análises. As próximas páginas apresentam as considerações finais desta trajetória.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tentar traduzir minhas memórias, ou seja, as “ruínas de minha biblioteca”, e os afetos e as experiências vividas ao longo desta pesquisa em palavras reconheço o quanto fui me modificando, me transformando, em decorrência de muitos encontros/desencontros, que aconteceram durante o trajeto que percorri. No entanto, posso dizer que essa transformação é anterior a esta pesquisa. Iniciou-se ao entrar na universidade e com o desejo de constituir-me uma professora. Com outras palavras, posso dizer que minha trajetória de formação, no Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, foi um caso de paixão. Larrosa descreve que

A paixão funda sobretudo uma liberdade dependente, determinada, vinculada, obrigada, inclusa, fundada não nela mesma, mas numa aceitação primeira de algo que esta fora de mim, de algo que não sou eu e por isso, justamente, é capaz de me apaixonar (LARROSA, 2002, p.29).

Era a “liberdade dependente” que se apresentava para mim, uma futura professora que experienciava a liberdade de tornar-se, mas, dependente de todo o compromisso assumido com a formação que experienciei. Assim, percebo que a transformação foi acontecendo lentamente durante os quatro anos da graduação. Experienciei a felicidade, o sofrimento, a solidão, a liberdade e a dependência, a autonomia e a submissão. No entanto, a paixão tem dessas coisas, olha só, nós duas aqui outra vez, eu e a professora em quem me transformei. Esse encontro é o que me tocou, deixou suas marcas nesses dois corpos que se encontraram e que por fim se unem: a mulher forte, determinada, que fraquejou algumas vezes, mas não desistiu, e a professora compromissada com os sujeitos do campo que emerge.

A pesquisa aqui apresentada encerra um ciclo. Mas, a minha formação nunca vai cessar, pois sei que novas paixões virão. Uma destas novas paixões já



dá pequenos indícios de seu aparecimento: a pesquisadora. Compreendi que a tarefa de investigar vai se construindo e que o fazer pesquisa foi propiciando o nascer uma pesquisadora mesmo que iniciante. Essa busca possibilitou encontros que foram levando a outros e também, desencontros, e assim possibilitando que novos encontros acontecessem.

Para tanto, foi necessário seguir as normas acadêmicas para construir minha pesquisa: iniciei pela revisão de literatura, na qual determinei alguns critérios para a seleção dos trabalhos, pois queria compor uma revisão que tivesse dissertações e trabalhos feitos por mulheres, que falassem sobre relações de poder, práticas coletivas, saberes e fazeres com plantas medicinais. Acompanhando Erice (2015, p.26,27) diria que:

[..] o fato de ter escolhido trabalhar com mulheres é intencional, e não significa que esteja apresentando um panorama parcial da sociedade como, por vezes, os estudos dessa natureza são criticados. No que diz respeito as mulheres, esta observação fica ainda mais clara, pois, muitas vezes, elas são referidas como submissas, sujeitas a relações orientadas pelo machismo, com escassos estudos, sem considerá-las portadoras e protagonistas de outros tipos de saber-fazer.

Com essa intenção chego até a “Farmacinha Comunitária Filhas da Esperança”, no Vale da Solidão em Maquiné-R/S, questionando, por ser uma mulher e ter enfrentado algumas situações de desvantagens e até mesmo de repressão, - **Que relações são estabelecidas pelas mulheres pertencentes a Farmacinha Comunitária do Vale da Solidão do município de Maquiné – RS com os saberes e os fazeres envolvidos na produção dos remédios por elas fabricados?** Ainda mais curiosa me perguntei: Qual a história deste grupo da farmacinha comunitária do Vale da Solidão Maquiné? De que forma ocorre os processos de ensino e aprendizagem sobre o manejo com as plantas medicinais, no grupo pesquisado? Que efeitos a constituição deste coletivo tem na vida deste grupo de mulheres?

Foi com essa motivação que me aproximei da farmacinha e a cada ida, me envolvia mais pois, este lugar: “Constitui não só um espaço de elaboração de remédios naturais, mas também um lugar de troca de experiências e relatos entre

mulheres. Estes diálogos versam, muitas vezes, sobre o cotidiano, das relações familiares, dos problemas de saúde, das últimas notícias que aconteceram com os vizinhos” (ÉRICE, 2015, p.19).

Frente a esta configuração que, por vezes, me absorvia, tive que ter o cuidado para não perder o foco da minha investigação. Assim, fui construindo uma metodologia baseada em entrevistas, leituras, escutas, observações, além de minha inserção nos fazeres cotidianos da farmacinha. Esses movimentos não foram lineares, e as muitas idas e vindas, possibilitaram-me construir os resultados e as respostas para os questionamentos que me propus a pesquisar. Posso inferir que esse foi o tripé de minha pesquisa: o observar, o fazer e o escutar.

Respondendo ao meu problema de pesquisa identifiquei que as relações ali estabelecidas com os saberes e fazeres abrigavam a gratidão, a amorosidade e o cuidado. Além disto, percebi formas de resistências que envolviam seus saberes e fazeres. O ritual “obrigatório” para ser merecedora dos saberes envolvidos nas práticas de elaboração dos medicamentos afirmava o “resistir” destas mulheres à mercantilização de seus saberes. No entanto, ao cumprir o ritual todas poderiam ter acesso as composições fracionadas nos pequenos vidros que continham os saberes e fazeres daquelas mulheres. Trata-se então de uma “cuidadosa doação”. Como afirma Erice (2015, p. 123): “estes fazeres possuem uma característica de vital importância na Farmacinha, que é o seu caráter de doação para a comunidade, cria-se um posicionamento contra uma lógica economista e individualista, uma vez que este trabalho não procura a obtenção de ganhos financeiros”. Por último, observei os efeitos que as relações estabelecidas com os saberes e fazeres tinham em suas vidas e que nomeei de re-existências. Tratava-se da busca pela qualidade de vida baseada no respeito à natureza.

Para concluir o meu TCC, quero deixar registrado que “estes afetos, as trocas e os aprendizados mútuos fazem parte do vivido e do acontecido junto com as mulheres da Farmacinha. O campo afetou-me e me proporcionou experienciar um devir que são vários, o devir-bruxa, o devir-rural, o devir-pesquisadora e antropóloga”. (ERICE, 2015, p.33). Acompanhando a autora, mas, de alguma

forma, indo além dela, diria que esta pesquisa também me afetou e constituiu a experiência de outros devires. Devir-professora; Devir-ciências da natureza, Devir-Educação do Campo, Devir-força da mulher, Devir-escritora, Devir-ouvinte, Devir-leitora, Devir-esperança, etc, etc, etc ... fruto das experiências que arrisquei deixar registrado aqui. Por tudo isso " GRATIDÃO", a Raiz Forte, Camomila, Alecrim, Ginseng e Manjeriço, por me confiarem o relato de suas vidas.

*POEMA DA DESPEDIDA*

*Não saberei nunca  
dizer adeus Afinal,  
só os mortos sabem  
morrer  
Resta ainda tudo,  
só nós não podemos  
ser  
Talvez o amor,  
neste tempo,  
seja ainda cedo  
Não é este sossego  
que eu queria,  
este exílio de tudo,  
esta solidão de todos  
Agora não resta de  
mim  
o que seja meu  
e quando tento  
o magro invento de  
um sonho todo o  
inferno me vem à  
boca  
Nenhuma palavra  
alcança o mundo, eu  
sei  
Ainda assim, escrevo*

*(COUTO, 1999, p. 32)*



## REFERÊNCIAS

CASTRO, Mary G.; LAVINAS, Lena. Do feminino ao gênero: a construção de um objeto. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

CHASSOT. Attico. *Alfabetização científica: questões e desafios para a educação*. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

COLCHA DE RETALHOS. Direção Jocelyn Moorhouse. Produtora Laurie Mac Donald. Universal Pictures. 1995. DVD

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

COUTO, Mia. *Raiz de Orvalho e Outros Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?* São Paulo: companhia das letras, 2011.

CZERMAINSKI, Silvia Beatriz Costa. A política nacional de plantas medicinais e fitoterápicas: um estudo a partir da análise de políticas públicas (2009). 164 f. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas. UFRGS, Porto Alegre, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DUARTE, Claudia Glavam; TASCHETTO, Leonidas Roberto. A conversar com Estátuas. In: *Currículo sem Fronteiras*, v.14, n.1, p.50-61, jan./abr. 2014.

DUARTE, Claudia Glavam; TASCHETTO, Leonidas Roberto. Ciência Maior e Ciência Menor: ressonâncias da filosofia de Deleuze e Guattari na Etnomatemática. In: *Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, v.6, n.1, p. 105-118, abril 2013.

ERICE, Adriana Samper. Espaço de Vida, Espaço de luta, um estudo Etnográfico da Farmacinha Comunitária da Solidão em Maquiné, Rio Grande do Sul. 2015. 157 f. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas. UFRGS, Porto Alegre, 2015.

FEDERICE, Sílvia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. In: <http://coletivoscorax.org/indice/> . 2004. Acesso em 15/11/2018.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Ed. Graal. 2012.

FOUCAULT, Michel. Uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. In: POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault, entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 18 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LARROSA, Jorge. *Tremores: Escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência. In: *Linguagem depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Marluce Alves (orgs). *Metodologias de Pesquisa pós-críticas em Educação* Belo Horizonte: Editora Mazza. 2005.

MUELLER, Carla Cristiane. A construção do conhecimento em comunidades rurais por uma educação do campo na região do tabaco 2015. 79 f. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde. UFRGS, Porto Alegre, 2015.

ORTUÑO, Judit Herrera. Mulheres Rurais e a construção da autonomia: as práticas e a ação coletiva das bruxinhas de Deus em Cristal do Sul. 2016. 106 f. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas. UFRGS, Porto Alegre, 2016.

SILVA, Tamara Raísa Bubanz. Plantas Medicinais no Nordeste do Rio Grande do Sul. 2018. 99 f. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas. UFRGS, Porto Alegre, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.

VEIGA-NETO. Alfredo. *Foucault e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

*A* PÊNDICES

# A

PÊNDICE 1

A Farmacinha do Vale da Solidão



Foto interna [Arquivo pessoal]



Foto interna [Arquivo pessoal]



Fotos que expressam a memória da Farmacinha [Arquivo pessoal]



Elementos que sinalizam a espiritualidade do local [Arquivo pessoal]





Construindo uma identidade: Movimento das mulheres camponesas e as bruxinhas de Deus. [Arquivo pessoal]

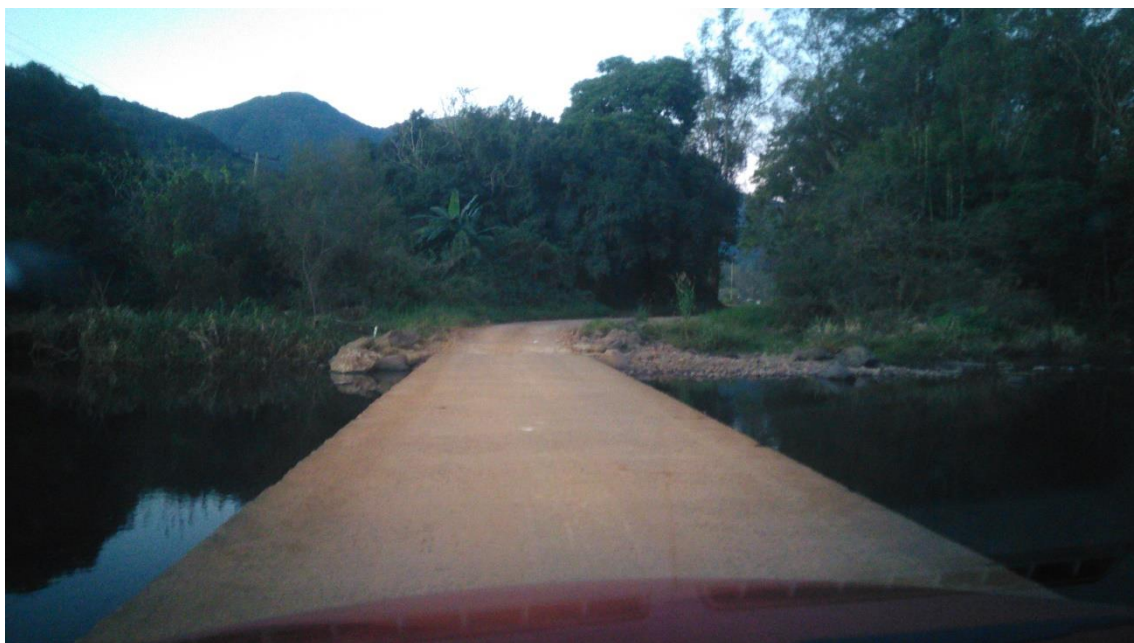
# A

PÊNDE 2

## O Trajeto



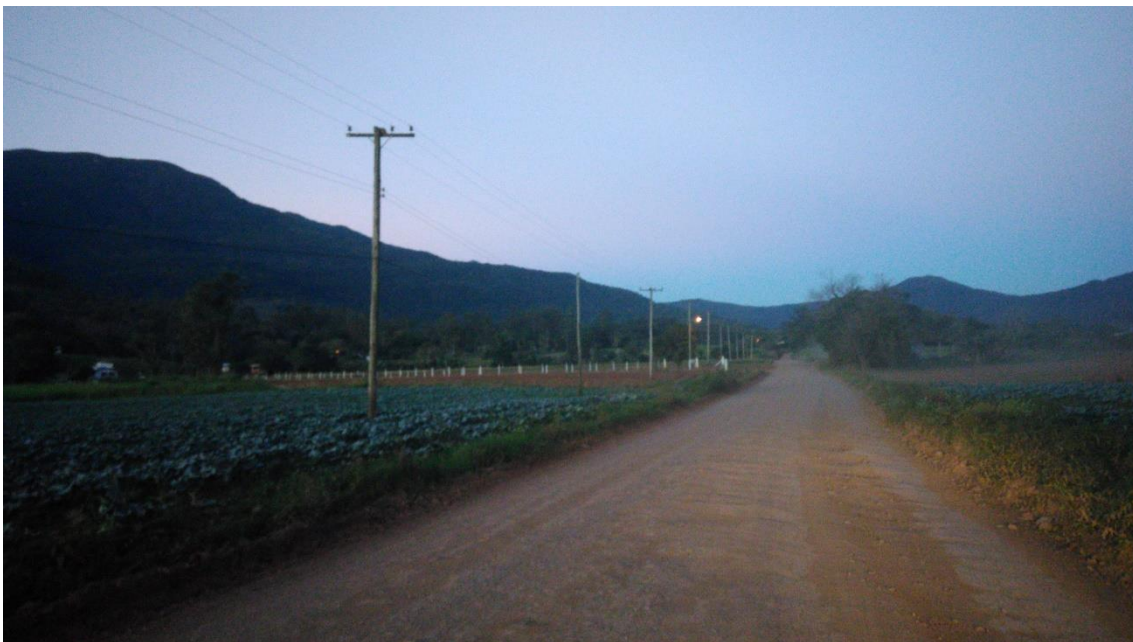
Margem direita do Rio que me acompanhava nas idas e vindas a Farmacinha  
[Arquivo pessoal]



Barragem [Arquivo pessoal]



Margem esquerda do Rio que me acompanhava nas idas e vindas a Farmacinha  
[Arquivo pessoal]



As plantações de hortifrutigranjeiros – Brócolis  
[Arquivo pessoal]



Placa que identifica a Farmacinha do Vale da Solidão  
[Arquivo pessoal]



Estrada que leva até a Farmacinha [Arquivo Pessoal]



A Farmacinha [ Arquivo Pessoal]



A Farmacinha [ Arquivo Pessoal]

# A

PÊNDICE 3

“ O laboratório”



O secador de Ervas [Arquivo pessoal]



Armazenamento das ervas [Arquivo pessoal]



Ervas secas armazenadas [Arquivo pessoal]







Elixires fracionados e disponíveis para os atendimentos. [Arquivo pessoal]

## *A* PÊNDICE 4

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título da Pesquisa: **RESISTÊNCIAS E (RE) EXISTÊNCIAS: "FARMACINHA COMUNITARIA" DO VALE DA SOLIDÃO-MAQUINE/RS.**

Nome do (a) Pesquisador (a): Iara Cristina da Silveira Justin

Nome do (a) Orientador (a): Claudia Glavam Duarte

**1. Natureza da pesquisa:** O(a) Sr(a). está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar e problematizar as relações e significados que são atribuídos aos saberes e fazeres de mulheres que se reúnem periodicamente na Farmacinha Comunitária do Vale da Solidão para a produção de remédios, elixires e pomadas a base de plantas.

**2. Participantes da pesquisa:** quatro mulheres vinculadas a Farmacinha e um homem usuário dos medicamentos ali produzidos.

**3. Envolvimento na pesquisa:** Para participar deste estudo, você deverá assinar este termo e participar da entrevista, a fim de que possamos levantar dados sobre a sua experiência em relação aos saberes e fazeres da Farmacinha do Vale da Solidão. São previstos alguns encontros para a realização de entrevista. Você tem a liberdade de se recusar a participar em qualquer momento que decida, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos a sua colaboração para que possamos obter melhores resultados para a pesquisa. Sempre que quiseres mais informações sobre este estudo, poderás entrar em contato com Iara Cristina da Silveira Justin pelo E-mail: [justin.iaracristina@gmail.com](mailto:justin.iaracristina@gmail.com)

**4. Sobre as entrevistas:** As entrevistas semi-estruturadas serão realizadas na Farmacinha em horários previamente combinados. Pontua-se que será respeitada a opinião dos entrevistados sobre o tema tratado ou sobre qualquer outro que venha integrar a entrevista.

**5. Riscos e desconforto:** Cabe ressaltar sobre os riscos, que a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Ademais, os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho

Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos a sua dignidade.

**6. Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e sua orientadora terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo, ao publicar os resultados dessa pesquisa.

**7. Benefícios:** Os benefícios que esperamos com este estudo, será produzir informações importantes sobre as relações estabelecidas na Farmacinha, a fim de que o conhecimento construído possa trazer contribuições relevantes para o reconhecimento do trabalho destas mulheres. .

**8. Pagamento:** Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi via deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo. Obs: Não assine esse termo, se ainda tiveres dúvida a respeito.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Local:

Data: